

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1902

N.º 72



**Mousinho de Albuquerque**

HEROIE DE CHAMITE

† em 8 de Janeiro de 1902

# MOUSINHO DE ALBUQUERQUE



ANGRANDO lagrimas de pena sem remedio, não se doma o coração ás exigencias de uma biographia em regra.

Permite-me, sim, ao espirito que evoque, — consolação derradeira! — á penna que reproduza, — homenagem ultima! — os traços característicos, as acções salientes, e o altissimo perfil moral d'algum, que, baixando á terra, sepulturo consigo a luz patriótica mais intensa e fulgurante, que nos ultimos tempos resplandecera sobre o solo de Portugal.

Referimo-nos — escusado dizel-o — a Joaquim Mousinho de Albuquerque.

Com o nome aureolado por fama, que nas fronteiras não coube, — tendo do Chefe d'Estado recebido, no encargo de educar o Principe Herdeiro, o mais frisante penhor de confiança pessoal e politica, — conscio, por certo, das proprias capacidades e valor, cuja consagração, já tão notoria, lhe devia alimentar a esperanca da futura interferencia, immediata e directa, nos destinos do paiz, — novo, — sem doencas, — sem complicações na vida, — sem causas apparentes de desgosto, — precipitou-se voluntariamente nos mysterios ignorados da morte, — sem se saber por quê, — dizem os que menor desacerato aventam, em materia de tal melindre.

Pois, — diremos nós, — se motivos não avultam, que cheguem para justificar a fundo o extremo da resolução, ha-os sufficientes, pelo menos, para tornal-a comprehensivel, como sequencia da coherencia da vida, e ao intimo sentir, d'este portuguez fundamentalmente amante do seu paiz.

Ou por vicio de educação, ou por espontaneidade perversitida, ou, emfim, porque exemplos nocivos apontem isso, que ahi se chama politica, como lucrativa carreira aberta á oratoria e ás habilidades,

— criam-se em Portugal uns seres, anomaes, artificiaes e ridiculos, que, do collegio, escrevem o primeiro artigo, — nos bancos das escolas superiores assumem seriedades e decidem lemma partidario, — e ahi pela alvorada dos vinte sahem-se, d'um jacto, homens de futuro, alguns, mesmo, Paez da Patria, — com manifestado descaato do mais simples senso commum, e evidente falseamento do parlamentarismo, e do suffragio livre.

Escapou Mousinho á classe d'essas creanças prodigios.

Não se lhe compendiam os verdes annos com puratada assiduidade á sciencia, e no capitulo politico, contentava-se, então, com saber da existencia de um Rei, e de uma Constituição, que, aos mais velhos, mereciam respeito.

Nos seus sonhos, quando as travessuras lhe davam tempo para sonhar, devaneava antes rutilas florestas de baionetas invasoras, e elle correndo-lhes para a frente, e a cavallo, para chegar mais breve.

Entrou para a arma de cavallaria. Num quartel nosso, a vida, em geral, vem a aborrecer.

Suppõem os novatos, entrando, que as marchas e as evoluções, — a esgrima e os *sports* varios, o interesse d'theoria scientifica, e o seguimento do progresso estrangeiros nos livros, e revistas, — preencherão o espirito com a mira excitante d'uma elevada missão bem cumprida. Bastidores a dentro, cache-se na triste realidade que resulta de effectivos escassos, de falta de estimulo, d'um pouco de inercia rotineira, e ainda da burocracia administrativa, — absorvente maximo do tempo e attentções, — estalão affiorido, quasi unico, de meritos e virtudes militares.

Acançando, ao longe, entre os nimbos do ignoto, com a miragem de aventuras e glorias, o Ultramar surge como allivio salvador.

A' India, classico amphitheatro de incultas façanhas nacionaes, pertencia, em bom direito, a peregrinação primeira do neophito de heroismo. Foi ahi Secretario Geral.

Promovido depois a capitão, conferem lhe em 1890, durante um periodo difficil da nossa historia contemporanea, o governo do districto de Lourenço Marques, onde, com a firmeza dos procedimentos, e alguns projectos de valia, logrou deixar vestigios, apesar do mote moderno: «Nenhuma autoridade, nenhuma responsabilidade» adoptada pelos nossos dirigentes em vantajosa substituição do obsoleto «Talent de bien faire».

Pelo outono de 1894, encontramol-o no reino, quando n'esse mesmo districto, cuja gerencia tivera a cargo, começou, com a revolta dos landins das Terras da Coroa, a arder o rasilho, que, a pouco mais de um anno de intervalo, incendariá, em Manjacaze, a residencia do poderoso Mundungaz, vulgô o Gungunhana.



D. Maria Jose Gaivão Mousinho de Albuquerque  
Viava de Mousinho de Albuquerque

Nos principios do seculo passado, e sob o imperio de Chaka, negro Attila, guerreiro e disciplinador, os zulos temerios talaram a Africa meridional de Sul a Norte, até alem do Zambese.

Pela raça, e pelos modos de ser, era Gaza, em 1895, um vestigio vivo d'esses vandalos, arrogantes, sanguinarios e corajosos. Sob o feroce jugo do filho do Muzilla, — Vatus e vatuallizados, — agrupando-se em *mbata*, ou mandatos, com travas e com traças. — E porque este vatuallado «bufalos», «jacarés», «passaros brancos», e mais designações suggestivas, — constituim uma força militar de 50 a 60 mil homens, imponente e terrifica, quer pelos precedentes d'audacia — quer pela cohesão e pelo impeto arrebatado e fanatico, — quer mesmo pela marcialidade feroz do seu trajão de pennas e pelles, especie de ostentosa traducção, eloquente e significativa, da sanha cruel, e da agilidade de membros, que, de facto, a feraz os equalava. — E porque este vatuallado intimidador era quem na sombra alentava os rebeldes do Matibhejane e do Mahazul, vimo-nos obrigados a delfontal-o, face a face.

Mousinho, que já na epocha do seu governo delineára, sobre informes de Caldas Xavier, um projecto de operações contra vassallo tão altamente incommodo, não podia, a titulo allegado, deixar de occorrer á sensacional refrega.

Em junho, pois, via-o Lourenço Marques desembarcar com o seu esquadro, — peado ainda, — vibrando de applauso a população durante o desfile, tão impressionante realtava a convicta linha militar, que o chefe soubera imprimir á unidade do seu commando. «Bella tropa!» foi o brado admirativo da mesclada assistencia cosmopolita, que na praça «Sete de Março» se havia apinhado.

Já então se ferira, contra a carreira de aquem Incomati, o combate de Maracurucé, e, com os reforços frescos, que iam chegando da Metropolyse, tratava-se de preparar em 2 dias a população durante o desfile, tão impressionante realtava a convicta linha militar, que o chefe soubera imprimir á unidade do seu commando. «Bella tropa!» foi o brado admirativo da mesclada assistencia cosmopolita, que na praça «Sete de Março» se havia apinhado.

O ideal da sua mocidade realisara-o, emfim, o cavalleiro intrepido, nas algáras do Chicomo, senão contra bayonetas, ao menos contra as laminas aguçadas das zagalas, e, demais, no quadrado do combate cahira-lhe, varado a tiro, o cavallo que montava.

Para coqeda de carreira, sempre servia.

Rematado o periodo de invasão com o incendimento da capital, entraram para a nossa jurisdicção as terras e os povos, que o tyranno regera, e sobre o desbarato do imperio instituiu-se o districto de Gaza.

Não se evasie em semanas a magia de um feitiço, mixto de superstição, de terror e de habito, infiltrada em cabeças rudes por arte de urto, durante longos annos successivos.

O Gungunhana, embora derrubado e fugitivo, — «cão de matto», — na phrase irreverente d'alguns subditos heterodoxos, era ainda uma causa latente de perturbação, que, junta aos attritos inherentes ao implantar de regimen novo entre populações bellicas, desenhava um tanto espinhoso o compromisso ao governador da nova circumscripção administrativa.

O commissario regiu Antonio Ennes, em cujo entender a eliminação do ex-potenciado representava a verdadeira base da tarefa, poz, sem hesitar, o dedo em Mousinho.

Para quê repetir aqui a historia palpante da proeza de Chaimite, que mesmo na mais recondita das nossas aldeias se ouvirá contar á lreira!

Preso o emulo do Catchiwayo, e do Lobengula, no memoravel dia 28 de dezembro do 1895, era, a 6 de janeiro, entregue em Lourenço Marques, e remetido em seguida para Lisboa.

Via o soldado illustre realisada outra aspiração do seu phantasmico heroico.

Acompanhar a sua legitima presa, e colher, no delirio das ovações, os louros de tío egreio commettimento, seria, para um simples mortal, bem justificavel desejo.

Mousinho, todavia, preferiu seguir com um pequeno troço de soldado, a metter na ordem os Amatorogas, que, por incitamento do regulo N'gunzani, se haviam levantado, ameaçando a missão catholica de Macassane, e por lá dia gusto ao fogo sagrado durante mez e meio de razzias consecutivas.

Pouco depois do posto de major por distincção, e a investidura no cargo de governador geral da provincia, documentavam o apreço votado aos seus excepcionaes dotes e serviços pelos altos poderes do Estado.

Douro a sua administração pouco mais de 2 annos, dos quaes o ultimo periodo de 19 mezes com auctoridade de Commissario Regio.

Durante ella, impulsionou-se a agricultura, — auxilliando as quintas regionaes de Lourenço Marques, promovendo plantações de café em Inhambane, fazendo experiencias culturais em Gaza, estudando sob o ponto de vista agricola o interior do districto de Moçambique, — trabalhou-se pela nacionalização do commercio, — aperfeçoou-se a legislação mineira, — normalisou-se a emigração para o Transvaal, — regiou-se o trabalho em parte do districto de Moçambique, — poz-se em dia a cobrança dos impostos directos, — interveiu-se beneficentemente na circulação monetaria, — melhoraram-se em Lourenço Marques as



instalações da alfandega, as condições de carga e descarga, a via e o material do caminho de ferro, e as oficinas de Catebe, — introduziu-se o serviço de beneficência, — emprehenderam-se aberturas de caminhos em toda a provincia, — montaram-se varias linhas telegraphicas, fez-se o estudo do caminho de ferro de Inhambane ao Inharrime, enfim, as receitas triplicaram, não obstante a crise de Johanesburgo, e a revolta de Gaza.

A par d'esta multiplice expansão de proficua diligencia, tendente a vivificar as forças economicas da provincia, e a reformar com vantagem as condições de existencia da sua população, — o infatigavel chefe, cujo maleavel entendimento, e privilegiada faculdade de assimilação, arcavam d'essa maneira com problemas de tão vario escopo, dispunha de ensejo ainda para ir realisando a occupação effectiva do districto de Mocimbeque, de longa data abandonado na sua região interior. — Muiçanga, Nogueira, Ibrahimio, Mucute-Muno e Calapute, foram os combates que assignalaram essa campanha dos Namarras, e logo, ao primeiro d'elles, a terra se embebeu com o nobre sangue do então governador geral, ferido por duas vezes.

Como resultante das operações, que se prolongaram de outubro de 1866 a maio de 1867, ficaram os postos de Lunga, Muchelha, Ibrahimio e Itoculo, garantindo a posse.

Surge depois, tambem, a revolta do paiz de Gaza, tendo á frente, Maguiguana, o mais indomavel e bravo dos guerreiros que, com a zagaia implacavel, haviam sustentado o poderio d'esse vencido despoza, agora nos Açores, — castigo maximo! — ridiculicou-se a designação de Reinaldo. Eram fagulhas, ainda, do incendio de 95, assopradas por alguma impudencia na exacção das contribuições.

Esquecera-se o atrevido landim que o gladio de Portugal o empunhava o mesmo braço heromero, que, em Chaimite, lhe abatera o suzerano.

Investe o raio da guerra. Rompendo de Lourenço Marques a 8 de julho de 1867, a rapidez de marcha, — que uma *etappe* de 190 kilometros, em 32 horas, certifica, — põe-n'o breve um Chibuto, cabeça do districto em rebeldia.

Em 21 o combate de Maconténe acrescenta uma joia mais ao luso diadema de glorias. Destroçadas as *impis*, Maguiguana foge, mas a vengeança atilada d'uma perseguição vigorosa, consegue levantá-lo a 10 de agosto, como besta fêra em matto cerrado, cortando ainda a tiro o halali dos caçadores.

«Correndo da agulha á lança, do estrado á muralha», — diz Jacintho Freire d'Andrade, — as mulheres de Diu acudiram á deteza da Praça, assaltada pelo turcos. Pois d'essas a semente não vai perdida, que a Chibuto, foco da lucta, tambem acode Maria José Gavião, essa esposa modelo, tão insigne em excellencias d'alma, como o eleito dos seus affeitos. Acode, — não com ferro de peleja, que o não reclama alií o aperto da conjunctura, — mas com a doce gentileza da sua varonil presença, — incitamento e recompensa aos vâldios, — balsamo de cura aos doentes e feridos, que no hospital recebe com duas irmãs de S. José de Cluny.

A exuberancia accumulada de tantos, e tão desmedidas provas, insistentes e deslanbrantes, de civismo muito fóra do commun, de virtudes só imrmanadas com aquellas, que o poeta canta dos mais assignalados varões da patria galeria, — teve sello condigno na recepção que Lisboa, e o paiz inteiro, fizeram ao major commissario regio, quando ao reino veio retemperar a abalada saude.

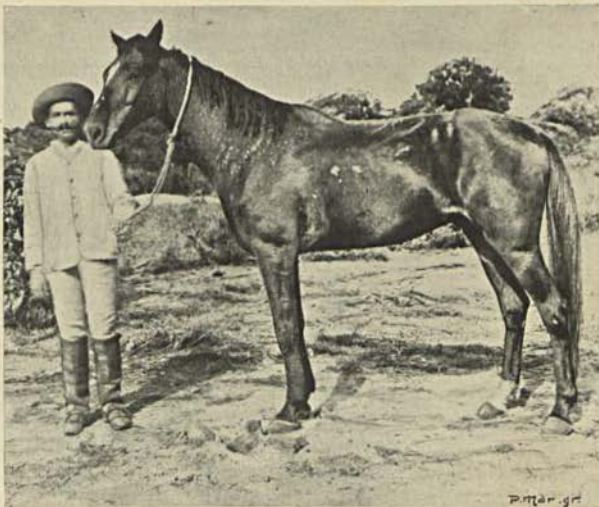
Regressando a provincia, surprehende-o, menos de dois mezes depois, a notificação de um decreto restringindo-lhe a competencia.

Não resignado ao papel de chefe de expediente, na secretaria geral

do Governo, que é, pouco mais ou menos, a alçada concedida a um governador com poderes ordinarios, — depoz a insignia da magistratura nas mãos do governo de Sua Magestade.

Repetindo palavras do grande Affonso d'Albuquerque escreve Mousinho no seu livro: «E de meus serviços, se são taes como me dizeis, não tinham mais direita mercê que me deixar acabar estes meus poucos dias assy servindo, e que eu, em meus dias, não visse na India outro melhor que eu.»

Não lhe deferram o desejo. Foi pena.



O cavallo de combate de Mousinho de Albuquerque

Do voltar, de novo, á metropole, entende El-Rei, no alto juizo do seu criterio, perspicaz e reconhecido, entregar a educação de seu Augusto Filho, a esse defensor estremo do Throno e da Patria, cujo vulto, só por si, — sem livros, nem phrases, nem gestos, — recorda ao espirito lição mais eminente, que toda a Pedagogia em pezo, e arsenaes annexos de papelada impressa.

Do cargo se exonerou elle agora, infelizmente, para a Eternidade.

Pelos pontos mais notaveis, retraçada fica, assim, a luminosa orbita d'este paladino excelso.

Estudemos-lhe agora a photosphera, involucreo scintillante visível a todos, e em especial o amago, cuja essencia preclara, menos se apercebe atravez dos brilhos que o envolvera.

Na aura popular, o arrojio de Chaimite, — epico sem hyperbole, — ungiu-o «bravo dos bravos».

Mas suppr, — alguém com dever de pensar, — que o homem ficou definido por esse cognome, — aliás hyperinvejavel, — é aberração d'olhos, capazes de ver um fecho de abobada, independente da pederaria artistica e harmonica, que o sustenta e completa.

E, no caso presente, são diamantes essas pedras, — gemmas preciosas d'intelligencia vidente, de cultura distincta, d'inflexivel rectidão, de purissimo desinteresse, d'oportunas energias, — lapidados e cimentados pela Fé, que levanta montanhas, pelo amor patrio, que, nos cadinhos da abnegação, acrisola virtudes, e expunge escorias d'humana fragilidade.

Religioso por educação de familia, os lances arriscados do seu viver aventureiro fizeram-lhe sentir mais tarde, como ao marinheiro na borrasca, a necessidade iniludível de um Supremo Arrimo.

Na contemplação reflectida dos espaços e dos tempos sem limites, onde o nosso planeta é grão d'areia, e pô invisível e ephemero os seus Reis, e os seus imperios, — a Crencça confirmou-se.

E o raciocinio frio segredando-lhe que só pela alliança etherea com a «Força das Forças» ha fortes na terra, veio corroborar-lhe ainda que a Fé representa por excellencia um accumulador d'energias, e que varrel-a da alma dos povos é substituir-lhes nas arterias vivas de Nação constituida, ao sangue, agua, ou cousa peior.

Mousinho foi um crente, e do sanctuario, que no peito continha, irradiavam os lampejos multiplos, que lhe sublimaram a existencia.

Ainda em não remotas eras, dizia-se delegação divina o poder real, e assim o reconhecer-lhe a soberania, o prestar-lhe a vassalagem, de modo algum perturbava a altivez, mesmo do mais alevantado orgulho.

A moderna concepção do direito de governar vai annullando o



credo antigo, mas as tradições e o atavismo são vivida raiz cuja seiva persiste.

E a intervenção do raciocínio livre pôde bem confirmar o instinto conservador,— que as culminâncias sociais, na lei commum das alturas, produzem vertigens e fascinações, ás quaes, em geral, só se eximem aquelles que lá nasceram.

Mousinho foi realista, mas a sua briosa dedicação,— rebento, na origem, da natureza herdada,— affirmou-se pelo alcance dos sacrificios, nunca pela curvatura da espinha.

A clareza do intellecto, o cultivo do espirito, a elevação das tendencias, e a firmeza do sentir,— imprimem, n'aquelles que as professam, e sem dependência da vontade, uma antipathia instinctiva contra os predicados oppostos, e um particular modo de ser, physico e moral, que, tornando-o distincto, o aristocratizam, no melhor sentido da palavra.

Todavia esse mesmo ente d'eleição,— e justamente porque o é,— com penetrado de verdade e de justiça, não comprehende, nem accetia, em principio, desigualdades entre os seus semelhantes, que não sejam as inherentes ás faculdades e actos de cada um,— e repelle todo o autoritarismo não baseado nas bem entendidas exigencias de governo.

Assim Mousinho,— autoritario por impetuosidade de temperamento,— aristocrata pelo sangue, gostos, e feito,— era no fundo um liberal.

Sem prestigio,— esse poder pessoal de se impôr aos outros, com assentimento espontaneo d'elles,— não existe verdadeiro commando de tropa, apesar dos galões hierarchicos, cujo respeito a disciplina obriga por acção de leis de ferro.

O Regulamento disciplinar forza cada um a dar, pelo serviço, aquilo que humanamente se pôde dar. Mas quando as circumstancias exijam o sobrehumano,— requirem que, dos soldados, se expremam, até á ultima gota, as ultimas reservas d'energias physicas e moraes, então, só, e exclusivamente só, a influencia propria e privativa do chefe, pôde valer.

A gente que seguiu Mousinho, de Zimacase a Chaimite, estava exhausta e profundamente anemizada por sete mezes de campanha ardua. Eram espectros amarello-esverdeados, d'orelhas transparentes e labios embrancados, semelhantes aos que Lisboa se lembra ainda de ter visto desembarcar em 10 de janeiro de 1896.

Pois aquellas sombras impaludadas, cujas pernas o quebranto senatico entorpecia, cujos hombros vergavam lastimosamente ao pezo da Kropatschek,— encontraram ainda fibra, em si, para fazer, em direcção á morte provavel, uma marcha violenta,— encharcada a pelle de chuvas torrencias, sustentado o corpo a bolacha sem mistura.

E que ia adiante uma figura typica, — commandante e companheiro,— juiz severo e amigo affectuoso,— cabeça direita, e braço decidido,— leão na alma, principe na generosidade, spartano na indifferença ao perigo, e na resistencia á fadiga.

Era Mousinho um grande chefe militar.

Sobre o requisitorio fallante dos seus actos d'inspirado, temos querido fundamentar este breve commentario á vida do benemerito.

A provincia de Moçambique, próspera,— progressiva,— sujeita de todo ao nosso dominio,— nacionalizada até ao possivel maximo,— authenticando pelo seu desenvolvimento crescente o tacto portuguez,— nem por todos reconhecido,— para administrar colonias— de veria ter sido lisonjeira realidade que, n'este ponto, nos dispensasse palavras para affirmar as capacidades governativas, do Commissario Regio de 1896-98.

Mas lançára o obreiro apenas os alicerces, quando, entre elle, e a sua criação no herco, se insinuou o decreto cercente das attribuições, cortando esperança, que um plebiscito da parte si dos administrados revelaria quantas, e quão fundas, raias havia decido já.

Percorra

o livro «Moçambique» o jury, que, acaso, nos lê, e decida da verdade.

Que practica lucidez n'aquellas paginas, onde, com tanto senso, e tão levantada critica se abordam todas as questões interessando ao predomínio, á civilização, ao fomento da riqueza, aos melhoramentos d'Obras Publicas, ao progresso, finalmente, em todos os seus aspectos moraes, e materiaes! Tinha Mousinho o estofo de um grande homem de governo.

Soberbo o acharam ás vezes no tracto social, e, pela soberbia, divorciado da popularidade.

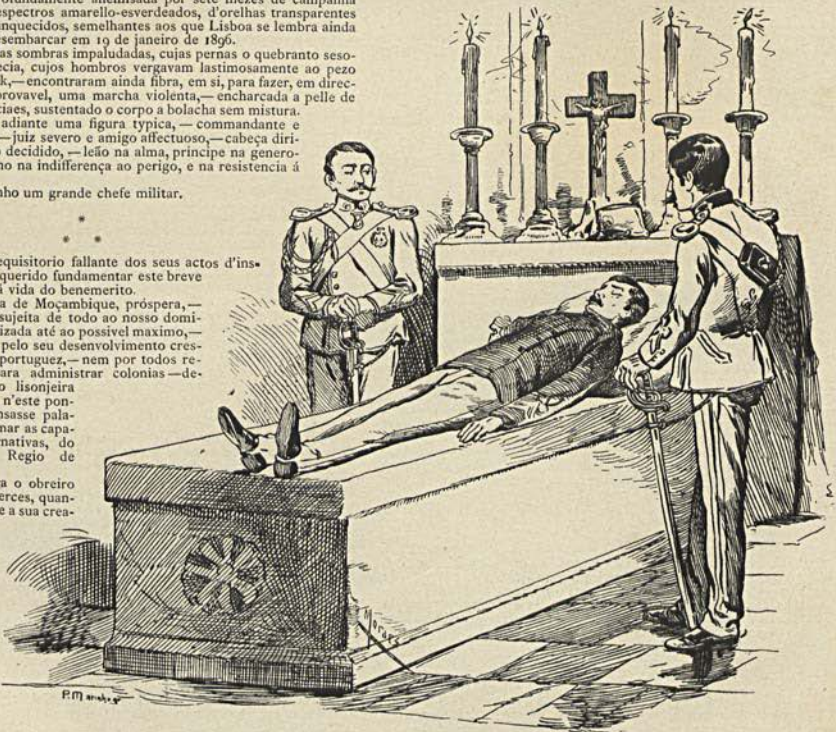
Pois que se ouça nas fileiras do Exercito,— de que elle foi filho dilecto,— ou já, fora d'ellas, nas campinas verdejantes d'este Portugal,— cujo amor lhe foi morte,— a voz saudosa dos mais humilides dos seus companheiros d'armas,— e a tremura da falla, e as lagrimas que lhes molharão os olhos,— hão de dizer se era soberbo o idolo que, estendido por terra, lhes dormiu ao lado nos bivaques de campanha,— se perdeu a popularidade essa figura expressiva, a cuja imagem, só de relembra-la, apparecem nos ares flumulas e sabres victoriosos, cantam nos ouvidos clarins e fanfarras de triumpho.

E venham ainda os pequenos, os pobres, e os fracos, que a sua boa estrella guiou um dia para junto d'esse tal soberbo,— e elles que contem como o grande se curvava para escutal-os, como o generoso se despia para soccorrel-os, como o compadecido se interpunha para cobril-os.

E os campones do Minho, que lhe semearam na estrada o delirio dos applausos, durante a recente viagem de S. Alteza Real,— e as populações aldeãs do Alemento que lhe gritavam á passagem acclamações d'enthusiasmo, nas excursões de Villa Viçosa acompanhando Sua Magestade a Rainha,— que occorram tambem em testemunho da perda de popularidade.

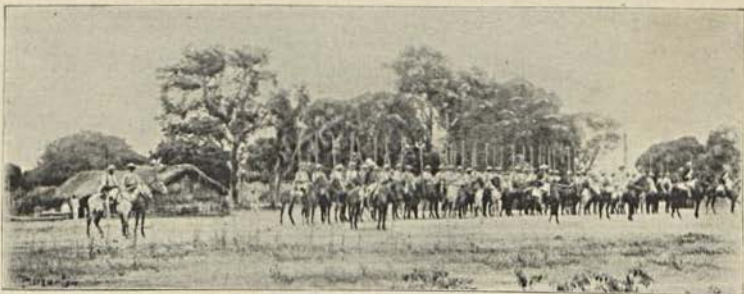
Soberbo, não! Caustico, talvez, quando, com o fino esmeril da sua graça picante se comprazia em pôr á nu a casquinha de mau fabrico, que por ahí alardeia de prata de lei.

Soberbo, não! Sincero, apenas, que não lhe consentia a inteireza radical do animo esconder desprezos contra a mascara caustica do politiccimo mesquinho e sorcido,— disfarçar tedios perante os postigos da grandeza falsa, as lantejoulas da filiaucia balfoa, as pennas de pavão da nulidade pedante.



O cadaver de Mousinho de Albuquerque no Hospital da Estrela





A escolta de Mousinho de Albuquerque em Chaimite

E essa rigidez de verdade, e essa reluctancia inveterada a transgredir com as proprias conveniencias, ao menos por meio de silencias opportunos, elle a denunciou, palpavel, por occasião da sua visita ao Porto, engalanado em sua honra. Ah! no seio d'esse balaarte classico d'extremes democracias, o seu verbo, sem que nada o obrigasse, atirou para o primeiro plano, em plena luz,—precisa, definida e indubitavel,—a sua dedicacão perseverante á pessoa de El-Rei.

Foi Mousinho um grande caracter, firme e verdadeiro.

Pallido e deficiente em relevos, mas fiel nos distinctivos, que o caso logrou reproduzir,—eis o esboço d'esta summidade d'ordem espirital.

Possuido d'uma innata impulsão para os mais elevados objectivos da gloria,—retemperado ainda pela leitura assidua da historia dos grandes vultos nacionaes,—dispondo da enorme força moral, que a Fé sincera, e o puro amor patrio inspiram,—pretendeu fundar *Obrá* sua, inconfundivel e perduravel.

Já alta pairava a agulha n'esse empenho, quando,—não á falta d'envengadura,—mas por influencias extranhas, teve de abater o vôo.

Não desanimou logo. Na metropole veio occupar o seu honroso cargo.

Proseguiu o mundo indifferente no seu gyro, e a politica portugueza,—cuja apreciacão aqui não cabe,—já, no entretanto, impellido a Nação, innocente, por um corredor suspeito, onde o morcego da administração estrangeira esvoaça, roçando-lhe a dignidade com a aza de mau agouro.

Fora da arena, o homem de acção e de mando,—o luctador honrado, crente e patriota,—corroe-se de impaciencia. Acaba a tristeza por minal-o, e o desalento invade-o.

Em certo momento murmura: «Isto dá vontade de morrer». Uns passos mais adiante executa o seu desejo.

E,—sem discutir os processos da reacção,—ha muito quem pense com elle, insuportavel o amargo das causas determinantes.

Mas o corpo do gigante jaz agora prostrado no pó nivelador.

Sou a hora, portanto, de confessar-lhe sem ambages a estatura enorme.

Façamol-o por justiça.

Façamol-o por interesse, que afinal Mousinho foi um nosso irmão, portuguez do nosso sangue.

Façamol-o por grata piedade, pois morreu, porque muito nos quiz.

Chore-o a Nação inteira, que d'ella bem mereceu!

15—Janeiro—1902

HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO.

## MOÇAMBIQUE

A PROVINCIA de Moçambique, apesar de hoje bastante reduzida na sua area pelo tratado de 1891 com a Gran Bretanha é ainda uma das nossas possessões d'aquem mar, assaz prometteadora pela fertilidade do seu solo, como pelas riquezas naturaes que ella encerra e que, intelligentemente administrada, pode ainda ter vida propria.

Infelizmente, assim não tem succedido por causas heterogeneas, de todos sabidas; mas é ainda tempo de remediar o mal que lentamente a va destruindo.

A Gran-Bretanha, não dispondo de mais Colonias em que pudesse empregar os seus Capitães e a sua actividade, disputou e obteve de Portugal pelo tratado de 1891 a parte que mais lhe convinha da nossa provincia de Moçambique.

E já que assim aconteceu, feliz eu infelizmente, devemos hoje ir imitando-a na sua actividade sem crear entraves no seu progressivo desenvolvimento material afim de evitar futuras consequencias desagradaveis a Portugal.

A Gran-Bretanha possui, pelo tratado citado, o interior da nossa Africa Oriental e nós temos o império do seu commercio sertanejo. Portanto se não lucrarmos muito com as *chaves* dos portos maritimos em nossas mãos, muito menos ainda lucraríamos se ella porventura pretendesse levar todo o seu commercio do interior d' Africa do Sul e Africa Central pelas vias ferreas da Colonia do Cabo, abandonando assim os nossos magnificos portos de Lourenço Marques, Beira e Chinde.

Para que isso não succeda urge a promulgacão de uma pauta aduaneira bem pensada afim de convidar os capitalistas estrangeiros, principalmente inglezes, a procurarem o nosso littoral de Lourenço Marques, Beira e Chinde para o seu commercio de Transwaal, Rhodesia, Biantyre e região dos Lagos, como portos naturaes mais accessiveis e consequentemente mais remuneradores.

Hoje, para o nosso littoral, contamos com a linha-ferrea do Transwaal, que não tardará a vir a ser ingleza, para o porto de Lourenço Marques; e a de Rhodesia para a Beira; esta sob a administração da Companhia de Moçambique e cuja maior extensão até a nossa fronteira em Macequece é ingleza e temos, então, em projecto a construcção do Caminho de Ferro de Quelimane ao Ruco que tambem se chamará inglez e em construcção já, a via ferrea do Gevelo que liga «Salisbury», capital da Rhodesia e o grandioso projecto do Caminho de Ferro do Cabo ao Egypto pelos Lagos Nyassa e Tanganika.

Vê se, pois, que a Inglaterra, possuindo maior extensão de Caminhos de Ferro que Portugal, pensa em abandonar os nossos magnificos portos maritimos e para que não tenhamos que lamentar a nossa incuria, torna-se necessario que se faça um accordo entre as duas potencias para se regularisarem as tarifas de Caminhos de Ferro e direitos aduaneiros nas nossas Alfandegas; sem o quê, e, uma vez em exploracão o Caminho de Ferro do Cabo ao Cairo,



Missa campal a 16 de fevereiro na Ponta Vermelha  
Distribuição de recompensas á columna de Marracosse





Praça Mouzinho de Albuquerque em Moçambique

temos fatalmente perdido a vitalidade da restante possessão de Moçambique.

Temos provas convincentes de que a provincia de Moçambique, tal qual está sendo administrada, não pode progredir sem accretar ainda maiores encargos, e sem proveito, do que aquellos que até aqui tem onerado o cofre da Metropole; senão vejamos a triste situação financeira da provincia n'um período de 19 annos passados, 1882 a 1901. As receitas creadas, e não diremos cobradas porque isso equivaleria a cahirmos no mesmo erro em que foram levados os diversos governos d'aquella epocha, attingem á cifra de Réis 23.730.051\$488, que discriminando-as, nos apresenta o seguinte quadro:

Impostos directos . . . .	Réis	7.738.056\$947
Impostos indirectos . . .	"	12.508.041\$903
Propriedades diversos rendimentos . . . .	"	7.699.961\$638
Resíduo com applicação especial . . . . .	"	784.558\$000

As despesas realisadas, e não diremos aqui creadas porque estas por certo não foram poupadas, ascendem á importante somma de Réis 32.270.827\$423.

Ha, portanto, um deficit de Réis 3.840.268\$935.

Este saldo *negativo* é manifestado em todos os annos economicos á excepção dos annos de 1897-1898, 1898-1899 e 1899-1900, em que os orçamentos eram elaborados pelo Commissario Regio e nos quaes se accusa um saldo *positivo* de Réis 825.903\$411.

O anno economico de 1899-900, regeuse pelo orçamento transacto.

A agricultura, que é a base principal do florescimento de qualquer Colonia, o aproveitamento das riquezas naturaes do paiz, é o que vemos mais abandonado, tudo devido á falta de communicações com o interior, segurança de vidas e propriedades e a vigencia de uma pauta aduaneira adequada ás circumstancias actuaes da provincia.

A construcção d'um caminho de ferro que ligue o vasto paiz de Gaza a Inhambane, da Beira á Zambezia, varias estradas abertas para o sertão á dentro dos nossos districtos da provincia que liguem uma districtos com outros, com os paizes limitrophes estrangeiros e companhias privilegiadas com o littoral nosso, por certo, e talvez sem grandes sacrificios, faria entrar n'uma nova evolução esta promettedora Colonia, convergindo para ella varios e abundantes capitalistas para o desenvolvimento de agricultura, commercio e industria, e se assim, então, poderia esta provincia n'um futuro breve, rivalizar com os outros paizes congeneres

de não remota data, contando, senão desde já com saldos positivos, pelo menos com recursos necessarios para se fazer face ás despesas certas da provincia.

Moçambique, 12 de Fevereiro de 1901

TITO FERNANDES.



## Romance e Poesia no Brasil

III

A poesia foi no Brasil uma forma exuberante da litteratura desde o desenvolvimento mental do paiz, a começar no periodo em que floresceu o estro de Gregório de Mattos. Effectivamente, o lyrismo teve sempre robusta existencia em nosso sentimento mativo. No parnaíso brasileiro occupam saliente lugar frei Santa Rita Durão e Basílio da Gama; os poetas mineiro do seculo xvii, Alvarenga, Gonzaga, Claudio da Costa, Silva Alvarenga e nos tempos da independencia o conselheiro José Bonifacio de Andrada, que servindo-se do nome arcadiano de Americo Elysiu publicou um volume de poesias. Estava em modo o genero pastoril; as eglogas e as bucolicas. Existiu n'esse periodo o visconde de Pedra Branca, inspirado e meigo poeta.

A estes cantores seguiram Domingos de Magalhães, visconde de Araguaya, o poeta dos *Suspiros Poeticos*, de *Saudades*, das *Poesias Anul-vas* e dos *Primeiros Cantos*; Araujo Porto Alegre, Barão de Santo

Angelo, notavel estheta e auctor das *Brasiliannas* e de *Colombo*; Gonsalves Dias que é considerado o director do movimento indianista na romantica do Brasil. Estes vultos conspicios da poesia nacional tiveram continuadores nas individualidades de Junqueira Freire, entencido cantor da *Solidão do Claustro*, e tão sentimental; que para abrandar seus arrebatamentos se fez frade; Alvares de Azevedo poeta da escola de Byron, produziu obras de elevado merecimento poetico; Casimiro de Abreu, que nas *Primaveras* revelou grande inspiração lamartineana; Francisco Octaviano, poeta e escriptor politico a quem os contemporaneos chamavam *O atheniense*, foi traductor de Byron e dos lyristas allemes Uhland, Körner e Heine.

Figuraram com brilho na poetica do periodo romantico em nosso paiz, Luiz Fagundes Varella, auctor do *Evangelho nas Selvas*, de *Juvenilia* e de outras poesias essencialmente

nacionais; Bettencourt Sampaio, delicioso poeta das *Flores Sylvestres*; o velho José Maria do Amaral, diplomata, jornalista e poeta notavel; Maciel Monteiro, saliente politico e tambem poeta que em soberos



Arco de triumpho em honra de Mouzinho e da columna de Gaza levantado em Lourinço Marques



O Gunguhana na Banja





O Hospital Militar da Estrella

sonetos descreveu a graça e a formosura femininas; o Barão de Paranaicaba, tradutor de Lamartine, de A. de Musset, escriptor e poeta original.

Acompanharam a escola de Victor Hugo, então em todo o esplendor da popularidade, os poetas Tobias Barreto de Menezes, Victoriano Palhares e Castro Alves, cada um com o seu temperamento ar-

poesias de Castro Alves nos livros *Estufas fluctuantes*; *Os escravos*; *Cachoeira de Paulo Afonso*, o drama *Gonçaga* e o poemeto *Namio Negro* principalmente este, tiveram extraordinario aprego publico. Durante a campanha abolicionista os versos do vibrante poeta bahiano eram recitados em todos os festivos em prol da redempção, e como hostilidade aos escravocratas. Ao romantismo brasileiro que era então a escola litteraria dominante pertencem os illustres poetas Machado de Assis e Mello Moraes Filho; Brasílio Machado, auctor das *Madrezinhas*; Luiz Guimarães, correctissimo cantor dos *Asiáticos*, dos *Sonetos e Rimas*, e d'outras produções; Luiz Delphino, afamado vate das *Cochas e Perolas* e das *Algas e Musgos*, livros que são considerados precusores do parnasianismo.

Em 1883 Valentim Magalhães fundou o periodico *A Semana*, no qual reuniu o mais escolhido grupo de colaboradores, dando-se então muito impulso á actividade litteraria. Logo depois appareceu a *Vida Moderna*, folha tambem litteraria e dirigida pelo bizarro poeta Luiz Murat. Distinguiram-se n'esta época os talentosos poetas Afonso Celso, com as suas poesias reunidas no livro *Telas Sonantes*; Fontoura Xavier com as *Opalas*; Raymundo Corrêa com as *Alleluias* e os *versos e versões*; Augusto de Lima, com as *Contemporaneas* e com os *Symbolos*; Alberto de Oliveira o mais eminente dos lyricos e parnasianos actuaes, com os *Sonetos e Poemas* e com as *Meridionaes*; mais tarde publicou em obra completa os seus versos, á qual louvores e honrosas referencias não faltaram, principalmente á parte denominada o *Livro de Emma*.

Revelou-se n'estes ultimos dez annos o grande talento do poeta Guimarães Passos, moço que viera para o Rio de Janeiro afim de encareirar-se na imprensa.

A critica acolheu dignamente os seus *Versos*, dos quaes o escriptor José Verissimo, nos *Estudos Brasileiros*, disse «para Guimarães Passos a poesia é simplesmente o canto do amor subjectivo ou objectivamente experimentado. Nas cincoenta e duas poesias de que consta o seu livro não ha quasi nenhuma que não seja um poema de amor e, de amor ardente, voluptuoso e melancolico.

Por isto é assignaladamente brasileiro e tem versos, seus, que fazem recordar a doce nota, amorosa e sensivel da nossa poesia popular.»



Funeral de Mousinho de Albuquerque.—Condução da urna foneraria do Hospital da Estrella.—Fegam ás borias os sargentos condecorados com a Torre e Espada e ás argolas os companheiros de Mousinho, em Africa

tistico e a sua organização moral independente. Tobias Barreto era considerado o genio do norte; foi poeta, litterato, criticista, juriscosulto e philosopho.

Na sua cathedra de professor na Faculdade juridica de Pernambuco exerceu prestigiosa influencia no espirito da mocidade academica, publicou o livro de poesias *Dias e Noites*. Este illustre pensador e poeta imaginoso é considerado pela critica o renovador do pensamento nacional nos ensaios de philosophia scientifica, do direito e da litteratura. Publicou diversas obras de sciencia social e nos *Estudos Allemites* declara-se propagandista do espirito d'esta nação em que «o saber é grave e profundo.»

Castro Alves celebrizou-se decantando o direito dos escravos á liberdade e lamentando o martyrio da infeliz raça opprimida.

Rivalisou com Tobias Barreto na poesia audaciosa e deslumbrante nas imagens e na inspiração, e por isto foi denominado poeta candoreiro. Mas essa escola do Candor apenas teve como representantes o proprio Castro Alves, Tobias Barreto, e Victoriano Palhares. As

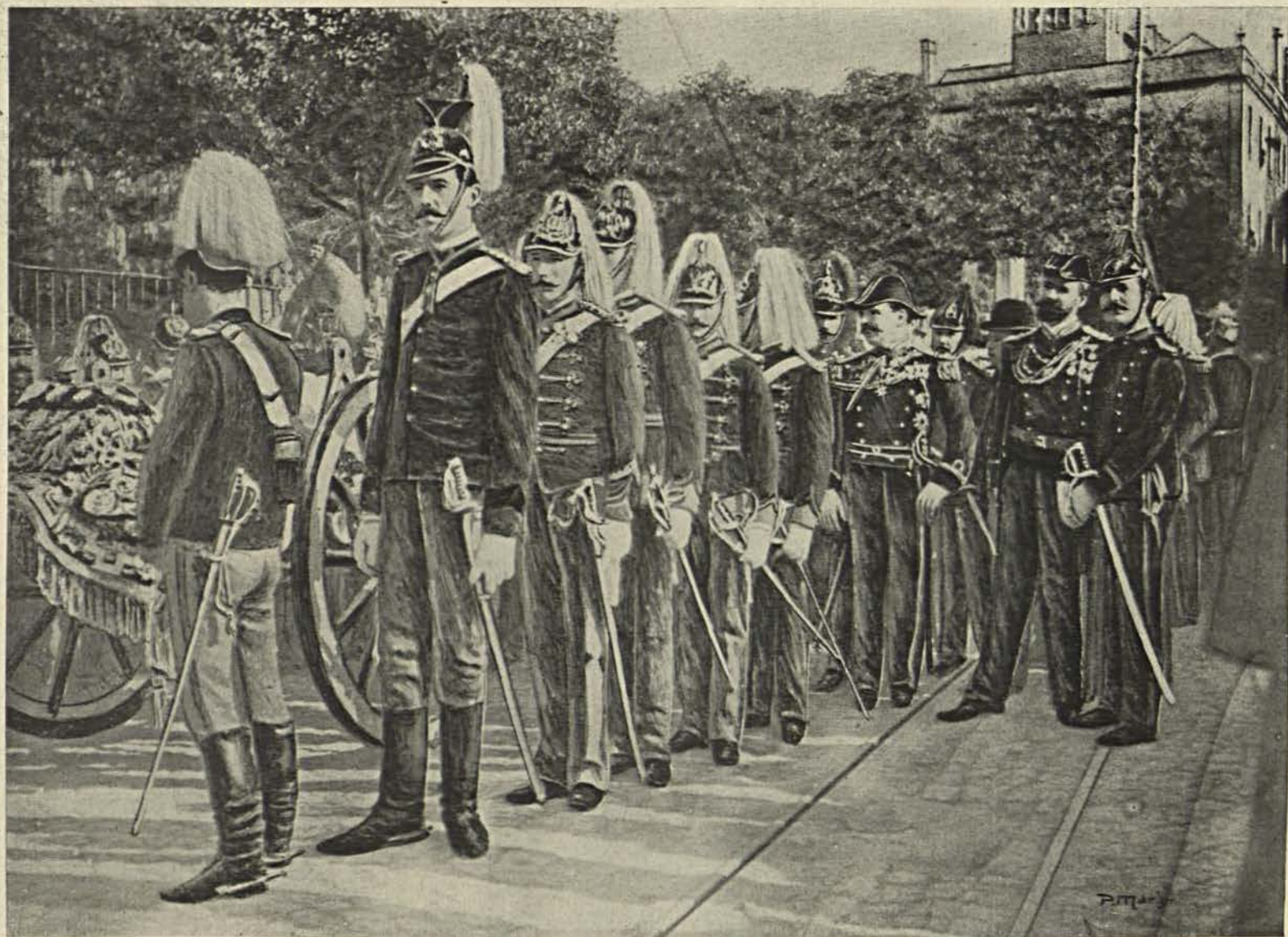
Guimarães escreveu os versos do hymno do 4.º centenario do descobrimento do Brasil e obteve da commissão commemoradora um valioso premio. Cultiva muito bem o villancete; ultimamente publicou um novo livro de poesias denominado *Horas Mortas*.

Tem os fôros de poeta magnifico o sr. Olavo Bilac, que é tambem um excellent chronista litterario, fino novellista e agradável *causur*. Os seus livros tem a edição esgotada. Qualquer produção do seu engenho costuma ser acolhida com o maior applauso. Escreveu os lindos poemas *Satania* e a *Tentação de Xenocrates*, e breve publicará um livro de versos.

Poeta original e amorosamente aristocrata é B. Lopes. Os seus livros *Brazeiros*, *Chromos*, *Sinhá-Fior Dona-Carmen* e o bello *Val de Lyrios* gozam de uma honrosa consideração artistica.

Tem sido muito applaudido o êstro de Emilio de Menezes na composição de esculpturas sonetos. É auctor da sonora *Marcha Funebre*, do poemeto *Os tres silhares de Maria* e dos *Poemas da Morte*, livro que lhe valeu brilhante sagração de estheta.





A carreta conduzindo o cadaver de Mousinho, ladeada por sargentos condecorados com a Torre e Espada



# JOSE SILVA & C.<sup>A</sup>

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florenço de Abreu, 34



Casa matriz — RIO

Único estabelecimento  
no Rio de Janeiro  
com oficinas para fabrico  
de arreios  
de qualquer qualidade



COUROS,  
ARREIOS  
E ARTIGOS  
PARA VIAGEM

Importação  
de couros, e de  
todos os artigos  
para  
selleiros, correeiros,  
segeiros  
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO





Grupo de officiaes à entrada do Hospital da Estrella

O poeta Cruz e Souza, autor das *Enocções*, e dos *Broqueis* foi um illustre cultor da musa e do symbolismo. Toda a sua existencia passou-se no mais doloroso martyrio, e quando falleceu começou a fazer-se pela dedicação dos seus amigos uma exaltada glorificação da sua memoria.

Luiz Murat, o insigne cantor das *Ondas* é uma das organizações poeticas das mais completas do nosso paiz. A critica, e especialmente o erudito dr. Sylvio Romero louvaram o fulgor do colorido da sua poesia



Coche da Casa Real com as corças

sempre imaginosa, pittoresca e expressiva. Uma das poesias de Murat, que se reveste de um lyrismo meigo e agradável é o *Passoio ao bambual*, que possui uma verdadeira expressão do brasileiroismo camponez e feminil.

A produção poetica em nosso paiz tem uma opulencia, uma exuberancia tão vigorosa como a floração das regiões aquecida pelo sol dos tropicos. A seiva da nossa poesia é abundante, estua com uma força prodigiosa. Alem dos poetas cujos nomes referimos bem como



O desfile do prestilo — Os co-lheas reaes

as suas publicações existem muitos outros não menos dignos pelo talento e pela imaginação creadora.

Mucio Teixeira é um dos mais celebres em todo o paiz e na Republica Venezuelana onde foi consul Artagão, cantor das *Baladas*, e do *Psalterio*; Damasceno Vieira, poeta e prozador fluente; Venezuela de Queiros, que sabendo todos os generos de poesia filiou-se definitivamente no satanismo de Baudelaire.

No symbolismo sobresahe a inspiração do contemplativo Alphonsus de Guimarães, poeta que é todo mysticismo e devoção dos dogmas christãos. Escreveu *Dona mystica*, *O septenario das Dores* e tem preparado *Caminho da Cruz*. Este moço poeta é companheiro intellectual de Jacques d'Array, pseudonymo de um distincto e admiravel burlador de versos francezes, não obstante ser legitimo brasileiro. A *Jacques d'Array* «Prince royal du symbole et grand poète



O desfile do prestilo — O cavallo de Mousinho

inconnu» Alphonsus de Guimarães dedicou o soneto *Perystillum* que abre um dos livros de suas dolentas poesias.

Floresceram em nossa litteratura as poetas e prosadoras: Narcisca Amalia auctora dos *Corymbos* e de *Nebulosa*; Clarinda Siqueira; Amalia Figueirôa, Carmen Freire, pseudonymo da Baroneza de Manganguape. Na actualidade são afamadas intellectualmente as poetas nacionaes: Francisca Julia da Silva, auctora dos *Marmores*; Julietta Monteiro e Adelcinda de Mello; Anna Aurora, auctora dos *Preitos a Liberdade*; Adelina L. Vieira; Elvira Gama, cantora de *Minha Alma*; Zalina Kolim, gentil auctora de *O Coração*; Ibraninha Cardona, que publicou os *Plectros* e a joven Aurea Pires que burlou os *Floccos de*



O desfile do prestilo — Os sargentos adiante da carreta

*Nese*. O seu talento manifestou-se desde os mais tenros annos de idade.

E' avultado o numero de moços que não cessam de trabalhar e de produzir na litteratura. São nomes mais em evidencia n'esta pleiade os dos poetas: Victor Silva, sonetista sonoro cujos versos tem a repercussão musical dos de J. M. de Heredia; Julio Salusse, auctor da *Nevoza Azul*; Francisco Mangabeira, cantor do *Hostiario*; Luiz Guimarães Filho, poeta da *Lyra chinesa* e da *Aze Maria*; Antonio Salles, fecundo talento do norte; Frota Pessoa, critico e poeta dos *Psalms*; Pethion de Villar, elegante sonetista; A. de Azevedo Sobrinho, escriptor e poeta da *Vigilia d'Armas* e das *Boas Festas*; Joaquim de Castro, cantor do *Stellaris de Lagrimas*; Silveira Netto, auctor do *Luar d'Inverno*; Julio Cesar da Silva, poeta das *Stalactites*; Bento Ernesto, cantor das *Frondes*; Mario Pederneras, auctor das *Rondas Nocturnas*; Eugenio Savard, poeta das *Plumas*, das *Asas* e dos *Pensamentos*, falleceu em





Funeral de Mousinho de Albuquerque. — A' porta do cemiterio aguardando a chegada da urna

pleno vigor da mocidade e das esperanças, da sua esplendida intellectualidade.

Eis em synthese uma descripção do movimento litterario da patria brasileira, cujas manifestações intellectuaes permitem que com o decorrer do tempo o seu aperfeiçoamento muito mais se possa desenvolver.

O nosso lyrismo é todavia superior á nossa produção em proza, realista ou naturalista, declarou o dr. Sylvio Romero, nos seus eruditos *Estudos de litteratura Contemporanea*. Effectivamente é isto o que se observa. Frequentemente são publicados mais livros de poesia do que romances, contos e novellas. A nossa «belletristica», segundo o sentido d'esta expressão allemã, ainda não attingiu ao grau de aperfeiçoamento que era para desejar, attendendo ao tempo em que tanto brihou a evolução do romantismo; intuição esta que foi o periodo aureo da litteratura brasileira e que corresponde a importantes epochas da nossa vida nacional.

LEOPOLDO DE FREITAS

## Guitarra que fala

**O** FORTUNATO ALEGRIA era um excentrico de marca. Mas bom sujeito afinal.

Sempre todo empenhado em esconder a estranhos o menosprezo da sua terra. Trazia-o lá muito nos escaninhos de dentro, esse menosprezo.

Aprumado com dignidade, physionomia composta, falava da patria com reserva quando era interpellado. Poucas palavras, phrases curtas. Tolia-lhe a fala um temor enorme de ser sincero.

Elle viera de lá com uma refrigerante sensação de alívios. Mas não o dissera ao estrangeiro de cá. E não admittia que lh'o adivhassem.

Estimava individuos. Em globo, porém, como sociedade, aquillo era depressivo, era asphixiante, era tremendo.

Não exprovara ao seu paiz o ser pequeno. Para o Fortunato Alegria não havia cousas pequenas. Podia ser importante e illustre uma familia de quatro ou cinco membros, como uma nação de quatro ou cinco milhões.

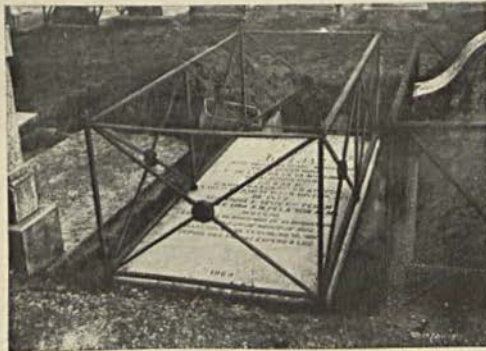
A razão do desprestigio nunca era para elle uma razão numerica. Tinha a fraqueza como sempre procedente da desunião e da falta de ideal.

De longo, tomando distancia, ainda lhe parecia tudo aquillo mais carregado. Tinha vistas de matuto e pessimista.

Via, reinante por lá, um regimen de desconfiança incoherente, em que o governo parecia esperar tudo dos particulares e os particulares tudo do governo.

Via a rivalidade desunindo os homens dentro da classe, e as classes dentro da nação. E d'ahi resultante, toda uma sociedade de descontentes, gastando a vida a murmurar, com sorrisos conservadores, de uma situação em que eram a um tempo censores e cúmplices.

Na politica, a mais desabalada descrença. O povo descrendo dos partidos e os partidos descrendo de si mesmos. O Parlamento considerado mentira e dolo; e sempre de pé, para que o sr. A. intimasse com brio o sr. B. a retirar certa phrase em que lhe chamava embustreiro e ladrão, e o sr. B. recolhesse a phrase, declarando o sr. A. impeccavel funcionario e exemplar chefe de familia. E como o Fortunato Alegria era, acima de tudo, cabeçudo e terço, nem sequer reconhecia o nobre exemplo que davam os dois, saindo da Camara de braço dado, a exemplificar as doces theorias da penitencia



O tumulo onde ficou depositado o cadáver de Mousinho, no cemiterio dos Prazeres, em Lisboa



e do perdão. Elle, matuto dos quatro costados, via sempre o lado peor das cousas.

O ensino de além, enxergava-o todo applicado á intelligencia, como se cada individuo fosse uma abstracção fide carne. D'aquelle emaranhado conflicto de sistemas, em que conspicuos pedagogos, desunidos, divergentes, alguma vez rancorosos entre si, calculavam o melhor processo mechanico de armazenar nos cerebros maior stock de sciencia abstracta, elle não tirava nada a limpo.

E tinha-lhes má vontade, porque sabia que aquellos aldos sehores consideravam a gradual formação da pessoa, o faceter do caracter, e o desenvolvimento rhythmico da compleição physica a ensanchar moldura para almas grandes — meros devaneios utopicos e sentimentalistas, fóra dos dominios da discussão seria.

Como elle tinha para si que o equilibrio era condição tão essencial á creatura humana como a todo o outro producto da natureza, nunca podera admitir que o rachtismo de corpo e alma do estudante seu patrio approvase nada ao seu desenvolvimento intellectual, prejudicando aliás por uma constante excitação mechanica da memoria. Sustentava que sob tal regimen a escola, em vez de levantar, abatia; sem condições para accender enthusiasmos, propagava apenas a peste do scepticismo precoce. Não havia esperar d'ella que fosse a capital escura e a melhor esperanza da nação, senão a peor causa encopadada da sua ruina e o sorvedouro desapidado de todas as suas esperanças.

O Fortunato Alegria nunca fóra palaciano — elle não passava de um desastrado, malvado com a cascata. Talvez por isso mesmo, pensava tambem, com melancolia e desanimo, n'aquella artificial atmosphera do Paço, feita de bajulação e hypocrisia.

Os adulados, não ouvindo nunca a voz franca e amiga, vendo apenas insensar a sua omni-sciencia, bem poderiam, com prejuizo seu e alheio, exaltar as suas virtudes e dotas proprias á obcecante presumpção da infallibilidade sobrenatural.

Uma das fortes excentricidades do Fortunato Alegria era a profunda antipathia ao despotico numerario. E além elle via o monstro-dinheiro, em pedestal engalanado, mirando com sobrançeria os afanosos que se acovelavam em baixo, na renhida lucta pela vida. E, por diante d'essa deidade arrogante, que não tinha um sorriso simples a fazer perdoar a sua opulencia e o seu desniavel, desfilava constantemente uma romaria de devotos, a beijocarem a terra, huijades e rendidos.

O gosto litterario da sua terra exasperava-o. O romance estrangeiro barbalemente traduzido, era o melhor manjar servido pelas livrarias. Os folhetins diarios, a dois e tres por periodicos, eram gulosamente devorados pelas familias. E toda essa frandulagem, consumindo tempo e dinheiro, dava cheque á mercaderia nacional com desespero inutil dos autores famintos. O Fortunato Alegria, de uma vez que o consultou um patrio sobre carreira de vida litteraria, atirou-lhe, assanhado, cousas vehementes, espantosas.

A critica não existia ali. A obra litteraria estava destinada na imprensa jornalística certa procição de adjectivos e adverbios, afins por etymologia, que podiam tornar mais ou menos agradável um autor, nunca porém oriental o por, via segura nos dominios da esthetica ou da arte.

Entoavam-se nenias desflorantes sobre a decadencia do romance e do drama nacional. Mas o Fortunato Alegria, estava farto de saber que o mesmo publico leitor de folhetins só por pouco conhecia alguma das melhores peças dos seus excellentes dramaturgos. E, afanoso e arido, esse mesmo publico animava com enchentes successivas os espectaculos de importação estrangeira, embora algumas vezes occorresse serem desses espectaculos ao mesmo tempo offensivos do decoro e da arte. E assim vinha de muito fundo aquelle desespero que elle sentia, sendo tão depreciada a lingua que cantara altas façanhas, e descaía agora como a raça, amecando ruína.

A arte, arripada e triste, estiolava-se lá tambem por falta de meio expansivo. E o artista, n'um instincto de viver, acollia-se alguma vez a climas estranhos, sorrendo inspiração, matando a sua sede de alegria renovadora. Por fóra, n'uma intensa atmosphera de arte, procurava talvez esquecer a terra onde se consentia á industria mercantil que ultrajasse e conpurcasse os monumentos artisticos. N'aquella sua terra a mulher, sem destino proprio, andava vegetativamente desinteressada de tudo. Expandia a actividade reprimada no exercicio sincero e extremado de praticas devotas que mais a separavam do homem. E, sem responsabilidades nem graves questões a resolver, exaggerou a importancia do traje, attribuindo a fitas e penachos, que apellidava em lingua exotica, um valor que ao Fortunato Alegria parecia exorbitante. O homem dava-

lhe sempre a direita, offercia-lhe flores, galanteava-a delambidamente nos momentos de ocio e desfastio. Mas na vida a serio tratava-a como tutelada.

Por commodidade e por habito, não lhe reconhecia a facultade de ter ideas.

Outorgava-lhe a supermacia das salas, e negava-lhe arbitrio em todos os casos fundamentaes da vida. E ella, docemente emballada na morbida corrente, aceitava com sorrisos e complacencias essa absurda situação, deixando-se indolentemente galantear, indolentemente tutelado.

Por tudo isto o Fortunato Alegria, ratao, bisnono, e matuto, deixara a sua terra com aquella sensação de allivio de que guardo recatado segredo. E nunca elle proprio indicio e sombrio, chegara a dosar com rigor a amargura que entrava n'aquella allivio.

A proporção que melhor abrangia o seu espirito era a do tempo descorrido com maior aborrecimento que a sentindo pelas cousas de lá. Chegou a abominar os interesses concretos que moviam os seus patrios.

Nos arcanos da sua matutice elle premeditou um golpe de estado. Aquilo não tinha emenda. E a elle que lhe importava? Em vez de roer comiso alguma maguas e aquelles desesperos, ralado, moído até aos ossos, a fazer pela vida, esquecendo.

Que tinha a final com o que ia por lá? Que lhe importava? Boa tolice.

Determinou votar tudo a esquecimento. . . passar uma esponja sobre aquillo tudo.

Cortou as assignaturas dos jornaes de lá. Que lhe importava! E viveu tempo assim. . . muitos mezes. . . annos, a fazer lá comiso, pacientemente, nos escaninhos de dentro, aquella premeditada obra de desagregação, elle se estava curado. Mas nem com isso se sentiu optimista. Antes cada vez mais original, mais casmurro, mais metidico comiso.

Uma noite, no hotel, na varanda da sala de leitura, poz-se a contemplar as estrellas, devorando sosinho o seu spleen. Ao ouvido impacitado chegavam-lhe ruidos de longe. Como tinha por força de escabichar n'uma cousa, poz-se agora a matutar como era que toda essa gente na ruidosa cidade atulhava aquella hora os cafes em futil e calorosa palestra, quando a guerra, em climas insospitos, dista não crumentando os seus irmãos! E veio-lhe ao espirito a soturna consideração de que a humanidade era despresivel.

Subito, um caso estranho, inesperado, fel o estremer. Debruçou-se avidamente na varanda. Aquillo era o instrumento popular da sua terra. E a canção a do seu povo tambem dolente, sentimental, chorosa, typica. E tambem a lingua era a sua. . .

Alvorocado, atirou-se escada abaixo. E, sem abrigo, sem chapeu, meleia ao vento, poz-se a caminhar, sur fóra, como somnambulo, atraz do bando popular.

Os natraes acclamavam festivamente; e o forasteiro, dedilhando com mestria as cordas, desfazia entre os ruidos da cidade alegre a sua cantiga muito chorada, a que elle dava uma estranha e intensa commoção, talvez inspirada n'alguma saudade amorosa.

E o Fortunato Alegria, magnetisado, a caminhar, a caminhar, sem abrigo, sem chapeu, meleia ao vento. E nem sentia a grossa nevada que começara a cair, a cair, em flocos reluzentes, continuos. . . Seguiu o grupo sonoro de populares, mudo, trançado, como na mysteriosa cidade dos doges, na immensa poesia do gran canal, as gondolas seguem á noute, n'um recolhimento devoto, essa irresistivel fascinação — a musica.

O Fortunato Alegria caiu em si quando o grupo enfiou para uma taverna. Então varado de frio, molhado até aos ossos, voltou para o hotel. E sentiu mais do que nunca n'essa noite a frieza inhospita do seu quarto. Procurou em vão dormir. O pensamento esperitativo-o, indo-lhe todo para recordações de alem.

E levou a noute a remoer n'este dilemma tremendo — Iria? Não iria?

Após aquella insomniã, vieram outras. Os creados no hotel estranharam-lhe o mau humor.

A final resolveu sair d'aquillo energeticamente. Elle tinha os golpes de estado para as situações difficis.

— Sempre ia até lá. . . ver aquella desgraça. . . A elle que lhe importava?

— E poz-se afanosamente a arrumar a mala com enthusiasmo de outros tempos, quando na sua provincia partia para a serra, para as suas caçadas.

Madril, Janeiro, 902

CAHET.



Moinho e os outros officiaes da columna de operações, em Moçambique



# Elegancias e mundanidades

## AS AMAZONAS



ANTE com que uma mulher ergue a fimbria do vestido — porque é uma arte — a fim de o não macular nas lamas atrevidas do Chiado, merecia ser tratada por um *maître à la mondaine*, por um maestro da chronica mundana, que timbrasse em carregar a sua palheta musical com os tons mais brilhantes. Conhece-se a idiosyncrasy, o temperamento e a educação da mulher que *passa pelo simples exame da maneira por que ella apanha o vestido*.

A dama de escol' agarra-o do lado esquerdo, com um gestoico redondo e facil, e levanta-o um pouquinho com discrição, de forma a mostrar o pé, que deve ser microscopico, chinês, modelado por

aquelle a que o verso de Fernando Caldeira se refere. A burguezia apprehende o estofa com um movimento acanhado, gôche, solevantando, ao mesmo tempo, o vestido e as saias, e ponho a descoberto o pé fortemente calçado, e que não nos deixa azo para sonhar com o vaporosoz pedestal de que falam os poetas. A plebeia, com o seu andar lisboêta, falgo peneirado, cheio de galj, agarra no vestido atalhoadamente, ao acaso, pondo de manifesto as suas grossas botas ou seus solidos sapatos de cordovão, chatos, pesados, sem ideal e sem poesia. Em resumo: uma mão delicadamente cinzelada e estrelada de aneis, um pésinho deliciosamente *cambré*, o modo gentil de pegar no vestido — esse modo que deviam ter as patricias romanas, quando cruzavam a via Appia n'uma dia pluvioso — são provas indefectiveis de sensibilidade requintada, de elegancia nervosa, de nobreza de raca, de saude azul. *Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes.*

A mulher que se entrega ás diversos cynetistas, a ois austeros prazeres de Diana, merecia igualmente um estudo á parte. Os fatos de caça prestam-lhe um encanto inarravel, fazem valer a gracilidade dos malleolos, a ellipse das ancas, a curva graciosa das pernas; afinam-lhe a gloriosa flexibilidade do



S. M. a Rainha no seu cavallo de passeio

talhe, graças ao cinto de coiro amarello fechado por uma fivella de prata. O pescoço arredonda-se-lhe sob a golla do *veston*, e o boné leveiro, onde treme uma penna bellicosoz, evoca o phantastico Tribly de Carlos Rodier. A mulher reveste, então, a apparencia de um ser chimerico, perturbador como um enigma irrisante, concitativo como uma charada viva. E' sempre a mulher forte da Escripura, não confundivel com as bonecas de carne que trotam na Avenida, e que revelam, sob as *toilettes* justissimas, anatomias pouco generosas.

As amadoras de patinagem, as apaixonadas do *skating*, sollicitam, por sem das patas do estudo de pólpa. Ellas riscam, com seus deslizes fugidios, a brancura mate da loalha, vitrea e lagoz; deslissam sobre a superficie brilhante e polida do gelo como se fossem um bando de bonitos *eiders* perseguidos pelo caçador, e entrelachando os meandros da sua fuga, antes de remontarem, com vôo audaz, aos ceos azues e gelados.

Outro estudo curioso seria tambem a mulher velocipedista, que Maurice Leblanc romantizou no seu livro *Vinci des ailes!* Os sportistas tem masculinizado, um tanto, a mulher. E a velocipedista tem concorrido muito para essa virilissação. Actualmente, Adão e Eva vêr-se-hiam na dura necessidade de reduzir as respectivas *toilettes* ao nihilismo das vestimentas paradisiascas, a fim de provar as diffe-

renças sexuaes... Alem d'isto, a bicycleta é equalitaria, nivela as classes; tanto é da princeza como da pelintra.

A amazona, a *horsewoman*, a mulher de cavallo, seria o typo mais interessante a estudar n'este planeta extravagante em que moramos, como diria Camillo. Das amazonas profissionais modernas, as mais cotadas foram: Emilia Loisset, que morreu de um desastre no circo, Elisa Loisset, amiga da imperatriz de Austria, Elvira Guerra e Eugenia Weiss, uma filha da metaphisica e sonhadora Allemãha, que se aristocratisou pelo seu casamento com o barão de Rhaden.

A primeira amazona de alta escola, nos ultimos tempos, foi incontestavelmente a baroneza de Rhaden, que, logo na sua estreia no circo Chisel, em S. Petzburgo, produziu sensaçao, quando agradecia na pista, magra, vibrante como uma harpa eolia, o corpete negro desenhando um busto de ephebo, os caballos e um loiro claro, septentrional, coroado pelo chapéo tubular — que ella tirava para sauhar com uma polidez fria e grave — a cauda do vestido sobre o braço esquerdo e o chicote na mão direita.



D. Josephina, Arduã Moreira

As castellãs da Edade-Media entregavam-se aos entretenimentos da ginetta, mas parece que não possuiam trajoz especialmente destinado para esses exercicios equestres. Luiz XIII, um apreciador da arte de Santo Humberto, offerrecou uma caçada a Buckingham, á qual assistiram numerosas damaz, que cavalgavam bellos corceis, e se apresentaram de cabellos frisados e gôrta bordada a oiro com pluma varrendo o espaço. No tempo de Carlos X, as senhoras cortezanescas, á frente das quaes se via a duqueza de Bourbon, eram cavalleiras intrepidas. Ao falarmos das *sportswomen*, pensamos instinctivamente nas scenas de caça pintadas por Van-Looy; vemos, com os olhos da imaginação, a Madame Lenormand d'Étiolles caracolando ao lado do principe de Conti nas caçadas de Luiz XV na floresta de Sônard. E, então, era o chapéu de tres bicos que cobria os cerebrositos d'essas encantadoras amazonas, que levantavam, com um sangue frio imperturbavel e desdenhoso, os clamores admirativos!

Operas, planos de reformas sociaes, tragedias, versos adocicados, lições aos reis, projectos de religioes ou de tocados novos, ninharias e coisas serias, de tudo isso havia dentro d'essas cabechinhas abafadas pelo tricrionio victorioso...

Foram as inglesas as primeiras que pizeram em moda a equitação feminina, bastante desprezada durante os seculos XVII e XVIII. O vestido longo e chato, o *spencer* em forma de pequeno fraque e o chapéu alto de feltro com suas bridas jugulares, deram um tivo característico ás amazonas do occaso do reinado de Luiz XVI e da aurora da Revolução.

Madame Hamelin, uma creoula morbida, foi a mais notavel amazona e a primeira dansarina do Directorio, ao mesmo como foi uma



Doas amazonas



elegante que correu o páreo com a Tallien, a Bonaparte, a Récamier e a Hinguerlot, a quem Bouffiers chamava a *decima* musa.

Ouvrard, o celebre financeiro multimilionario do Consulado, deu uma caçada de um esplendor hyperbolico, em honra do ministro inglez Fox, a que assistiram as mais distinctas damas do tempo, trajando de amazonas (1).

Sob o Primeiro Imperio, apesar das idéas militares dominantes, a equitação feminina constituiu apagação de limitado numero. E eis o motivo do espanto que a rainha Luiza da Prussia causava, quando fazia traçar curvéticas e *piuffs* ao seu alazão, passando revista ás tropas. As amazonas dos albores do seculo passado usavam um chapéo alto de pélo comprido, ornado de penas de abestruz.

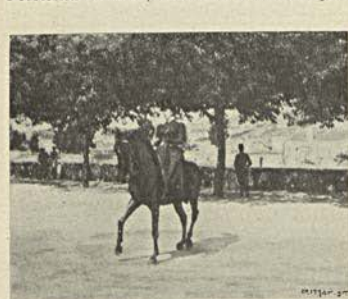
Os encantadores heróicos do Imperio, coroneis de vinte e cinco annos e generosa de trinta, apaixonavam-se facilmente por essas serenas adoráveis, porque mal tinham tempo para chegar e triumphar, e porque deviam morrer jovens como todos os que são amados pelas mulheres e pelos deuses!...

A nobre arte da cavallaria contou poucas apreciadoras até que veio a Restauração. E a mulher, com a sua versatilidade, o seu nervosismo e, sobretudo, a sua absoluta falta de logica, cambiou logo de modismo.

Depois de 1815, a maioria das senhoras principia a montar a cavallo; o fato de amazona torna-se o pesadello das modistas.

De 1830 a 1830, essa *toilette* é fina, elegante; depois de 1830 vem a amplidão das mangas, o chapéo alto com grande véo branco, o petillho de geometria caprichosa, quasi decotado, ou coberto por um grande collarinho, a gravata de *gras de Naples*. A influencia britannica é mais forte.

A flor da sociedade londrina, de 1810 a 1820, rebreilha na lucliação de um luxo asiatico. O Principe Regente governa, a seu talento, os homens e as elegancias; Lord Byron remodela as theorias exotericas e esotericas da Moda, faz a chuva e o bom tempo nas regiões superiores



D. Margarida Mayer

Lady Jersey, Lady Holland. Entrementes, os botões da camisa de Brummel derramam mais luz na Europa que os astros no firmamento. Andados annos, em 1835, a sociedade londrina soffre o jugo d'essas *leóas* que vêm a vida colorida por um arco-iris de prazeres, e que fazem galopar elasticamente os seus cavallos nos parques suburbanos da metropole inglesa: Lady Howard de Walden — futura ministra da Grã Bretanha em Lisboa. — Lady Bailey, Mistress Stanhope, Miss Gardner, Miss Jervis, a condessa de Orsay, filha da illustre Lady Blessington. O club dos *four-in-hands* reúne os leonculos mais habeis em guiar a quatro soltas. Estava-se em pleno reinado do chicote!

Em Portugal, tambem a moda das amazonas botou raizes. Quando a rainha D. Maria II — de uma fragil e tocante delicadeza de fôr, de pelle branca e lisa como o setim da gardenia — apparece como uma manhá de verão, esbelta como se a tivessem desentalhado de um leque — visitou o Porto em 1834, apresentou-se trajando uma *toilette* d'aquellas: vestido de campo, de panno azul com a gola e o petillho bordados a oiro, chapéo alto de pellicia preta, á inglesa, do qual pendia um véo de gaze e de seda verde, collarinho virado e gravatinha azul clara.

A vida parisieta de 1840 preoccupa-se de véveras com o seu vestido amazona. Guarnec-o de brandeburgos e de botões de guizo, entreabre o petillho de maneira que deixe vér a camisa de bofes, acrescenta ás mangas uns grandes canhões que vão cobrir parte das luvras amarellas. Usa chapéo de castor, pantalonas e botas altas com espora de prata. Se folhearmos os jornas de modas de 1840 a 1852, notaremos não só a variedade das *toilettes* destinadas ao sportismo hippico, mas que a mulher se submette sempre ás excentricas caudinas da Moda. Assim, em 1841 trazia-se bonét de seda de Italia, gravata de seda de cordãoisno, saia e roupinhas de panno de senhora, com tres ordens de botões no peito, luvras cor de palha e chicote na mão; em 1842 usava-se chapéo de seda de Italia com grande véo enroldado, saia e roupinhas de panno, estylando-se com e sem cabeção, luvras amarellas e penteado de caralhoes; em 1844 usava-se bonét com borla ao lado e a oiro e de abaixo do queixo, mantinha do setim azulão pescoco, roupinhas

e saia de panno; em 1851 usava-se chapéo branco de castor com véo enroldado, collete de *moiré* branco, corpo e vestido á amazona; em 1852 usava-se o mesmo chapéo, collete de acolhoadinho, de cassa bordada ou de *moiré* branco com botões de oiro e forro de seda de cor rosa, e luvras amarellas. Nas *toilettes* de passeio a pé, havia uns corpos de vestido chamados á amazona. As senhoras revestiam, assim, uns ares de força tranquilla e de calma intrepidez, porque se pode afirmar que o vestido contem toda a psychologia da mulher — a que elle está toda no seu *ponto de Alençon*, a burguezia no seu *surah* e a proletaria na sua chita.



D. Alca de Meilo Ilharco

Com o imperialismo napoleonico vem a dictadura da moda exercitada pela imperatriz Eugenia. Nas grandes caçadas, viam-na a cavallo, levando um tricrionio adornado de uma pluma ondulante como uma pluma bellicososa de um chapéo de mosquiteiro.

As convidadas traziam uniforme de Bourbon, pende de D. Maria I, era caçadas famosas eram de molde a tentas a penna diamantina de Feuillel, o pintor diplomado das festas mundanas, dos amores de salão e das elegancias sentimentaes.

Na correntezia do tempo, o fato da amazona modifica-se. Passa a ter um justilho, que esposata todos os contornos do corpo como um *jersey*, ornamentado, por vezes, com uns alamares; o vestido adquire maior amplidão. Mais tarde, soffre novas alterações, até chegar ao actual fato de muito bom talho. E tudo quanto podemos referir acerca da amazona, que, afinal de contas, tende a desaparecer perante a cyclistia invasora.

Celebrando *domestica facta*, diremos que, entre as princezas luzitanas, houve algumas mais coraoveis da nobre arte do marquez de Marialva D. Mariana Victoria de Bourbon, pende de D. Maria I, era habilissima no manejo do ginete e muito gabada por seu elegantissimo porte de amazona e por seu denodo, harto demonstrado nas *partidas* cynegeticas. Assiata, a cavallo, aos exercicios militares nos arredores de Lisboa, como ao que se fez em Pedronços aos 19 de junho de 1757, em que manobramos dois regimentos da cavallaria (2).

A infantia D. Isabel Maria ficou como o prototypo da amazona destra. Bella, donatrosa, na culminancia ideal da sedução e da graça avassaladora, vestindo um rico uniforme militar ornado com a banda e a commenda da ordem da Conceição, (3) lançava o fino corcel a todo o galope, e, seguida de um vistoso cortejo de generaes reluzentes de veneras, bordaduras e côcaes tremulos, passava revista ao exercito, nas paradas que se realisaram emquanto exerceo a regencia do reino.

Espectaculo comovente, que evocaria temerarias cavalgadas, longuissimas, ancestraes, crepitações de mosquites, relampagos de artilheria, lampejos coriscantes de laminas de aço, o palpitir de guilões exornados pelas laureas da guerra, a agitação de bandeiras óvantes, cujos corações tamborilavam vertiginosamente, porque as bandeiras teem coração, se as palavras do poeta não mentem!...

A rainha D. Maria Joaquina tinha o pender para as batidas de carruagem. Assim, quando regressava das audiencias na Bemposta ao paço de Queluz, ia nas horas de estalar. As rodas da tipoiia feriam lume, e o piquete de cavallaria, que a escoltava, nem sempre podia cumprir rigorosamente a sua missão. Na manhá do celebre pronunciamento de 30 de Abril de 1824, sahio de Queluz ás seis horas, e chegou, n'um rufo, á Bemposta.

D. Miguel, um ptoeiro enkistado em marialvismos basofios, tinha as manias atavicas da equitação e da arte de torneiro, em que foi leccionado pelo marquez de Abrantes, (4) seu auxiliar no movimento que precedeu a Villa-francada e seu cumplice na traomía da Abrieda.

Aquelle principe jámas perdeu lanco de patentear sua tintha para as galopadas loucas, o que constituiu uma tara aos olhos dos investigadores de etiologias obscuras, dos fanaticos do determinismo physiologico.

Na actualidade, Sua Magestade a Rainha D. Amelia é uma das primeiras amazonas europeas, uma digna emula das rainhas da Italia e da Hollanda, uma *sportlady* correctora como a finada imperatriz de Austria. E'em a Rainha de Belleza, que apparece tão alta, tão luminosa, tão legendaria, na soberania magestica da sua graça e na graça magestica da sua soberania. E'em a dama



sublime, cuja elegancia imperial só se poderia descrever com as pennas arrancadas aos anjos do bom Deus e molhadas no azul celeste. Hoje em dia, torna-se necessario que uma rainha seja poetica. E' indispensavel que o povo a veja com os olhos de Ruy Blas.

A Senhora D. Amelia realisa esse magnifico ideal de soberana moderna.

E se a Fé lhe dicta nobilissimas acções, a Caridade inspira-lhe as mais bellas invenções do coração.

Para retratar a amazona insignissima que é Sua Magestade a Rainha D. Amelia, mas para a retratar com a precisão de um cliché de Reutlinger, julgamos de bom aviso substituir a nossa prosa flaccida, baça, de chroniqueiro pedestre, pela prosa tersa, faiscante, de Ramalho Ortigão — summo pontifice do *esprit* e imperador do estylo: — "Galopando através dos campos, n'uma corrida ao campanario, apontando para o salto um solido *hunter*, de cornelha descarnada, espaldas obliquas, pescoço direito, cabeça quadrada, ventas redondas e olhos chamejantes, arrojado, n'um ranger de sella e n'um arranco de pulmo, como um feixe de molas desprendidas no ar, por cima de metro e meio de muro ou de banquetta, é pagar, de quando em quando, ao impeto hereditario do sangue o tributo que se lhe deve; é reverter por um nostalgico momento ao poema do passado; é recordar fugitivamente uma bellissima canção de gesta; é avivar, a ouro e a purpura, n'um relampago, o grito de guerra, apagado pela chateza dos nossos dias, na tremulante phylatera de um brazão antigo: — *Montjoie Saint-Denis!*"

#### PINTO DE CARVALHO (Títop).

(1) *Mãe Saint-Elme. Mémoires d'une contemporaine.*

(2) *Gazeta de Lisboa de 1752.*

(3) *Relação dos festejos que tiveram lugar em Lisboa nos memoraveis dias 31 de Julho, 1, 2, etc., de Agosto de 1826, por um cidadão constitucional.*

(4) Depoimentos do marquez de Abranhos, D. José, na Decreeza pela morte do marquez de Loulé em Salazar e no Processo da Abrildada.

## Conselheiro José Duarte Rodrigues



E' natural de Ponte de Lima, onde nasceu a 3 de junho de 1848, filho de João Manoel Rodrigues, capitão que foi d'infanteria 9, e de D. Maria Alves Vicente Rodrigues, já fallecidos.

Aos 4 annos perdeu seu pae, ficando entregue aos cuidados de sua boa e virtuosa mãe.

Trabalhador infatigavel desde os 11 annos, com cuja idade sua mãe o deixou ir para o Rio de Janeiro, aonde o chamava a vida commercial, tem sabido grangear a estima e admiração de todos no Rio e em S. Paulo, onde é considerado, senão o primeiro, pelo menos um dos primeiros homens portuguezes pela sua seriedade, intelligencia e honradez.

E diga-se, para gloria sua, tudo o que hoje vale, importancia como commerciante, honrarias e veneras, tudo o deve tão sómente ao trabalho honrado de muitos annos. Luctador incansavel, de continuo torturado por uma pertinaz bronchite asthmatica, nunca perdeu o bom seestro do trabalho, nunca desanimou na senda espinhosa da vida commercial.

Logo nos primeiros annos da vida revelou uma intelligencia pouco vulgar, e, aliando-a ao trabalho e a uma audaz perseverança e bom tino, soube em breve abrir caminho direito, e, em pouco tempo de permanencia no Brasil conquistar um lugar em evidencia.

Com estes notaveis dotes de trabalho, possuindo um coração como poucos, querido e estimado, conquistou a breve trecho a confiança de firmas socias importantes, taes como as que formou com o commendantor João Antonio Moreira Filho, Barão d'Ipanema, e com o conselheiro João José Martins de Pinho, depois com o do Alto-Mearim, já fallecido.

A elle e a outros portuguezes dedicados se deve a organização no Rio de Janeiro do Lyceeo-Litterario.

Tendo deixado o Rio de Janeiro por motivos de saude, estabelecer residência em S. Paulo, fundando ali, em 1880, uma succursal da importante casa commercial Moreira Pinho e Comp.<sup>a</sup> de que, era socio.

Um anno depois, em 1881, era indigitado pela importante colonia portugueza de S. Paulo para o logar de Vice-Consul de Portugal, missão melindrosa, para que foi effectivamente nomeado, e tão bem se desempenhou do espinhoso cargo, que Sua Magestade lhe conferiu as honras de consul e a commenda de Christo.

Alguns annos depois, com os commendadores José Antonio Moreira Filho e João José Martins de Pinho fundou o Banco de Credito Real de S. Paulo, estabelecimento que tem prestado á cultura d'aquelle estado innumerous serviços, e que muito contribuiu para o grande desenvolvimento d'ella e da riqueza publica.

Como director-gerente d'este Banco tem prestado José Duarte Rodrigues revelantes serviços, sendo considerado, com justiça, a alma d'aquelle estabelecimento, cuja organização e actual florescencia se devem na maior parte á sua iniciativa.

Muito contribuiu com a sua actividade e bom conselho para a organização da Companhia Carris de ferro de S. Paulo a Santo Amaro, de que foi presidente, e ainda do Banco Commercial de S. Paulo, de que foi director.

José Duarte Rodrigues além da commenda de Christo, tem a carta de conselho, e a commenda da Ordem da Rosa, com que o governo brasileiro galardoou os serviços por elle prestados áquelle paiz.

Publicou ultimamente um livro sobre Finanças, que revela muito trabalho, talento e conhecimentos, livro que tem sido muito apreciado pelos entendidos em Finanças.

A biographia de José Duarte Rodrigues pode synthetisar-se em tres palavras — talento, honestidade e bondade.

Janeiro-1902

JULIO DINIZ SAMPAIO.

#### Nota da redacção.

José Duarte Rodrigues possui uma vasta illustração e é, além de um orador correcto e preciso, um escriptor de pulso. Ahí está a friar bem o valor da sua penna o seu livro *O Cambio* — dado á estampa em 98 — que merece largas referencias á imprensa de Portugal e que consideravelmente elevou o seu auctor no conceito dos primeiros financeiros dos dois paizes.

Já muito antes revelára a sua fina observação em artigos soltos, e ultimamente, em 96, na elaboração do relatório da Associação Commercial de S. Paulo, de que era 1.<sup>o</sup> secretario, firmou o credito dos seus largos conhecimentos sobre finanças, aliado a uma grande certeza e alcance de vista.

Consta-nos que José Duarte Rodrigues tem em preparação um novo livro cujo assumpto é, parece, o estudo do rapido desenvolvimento da cidade de S. Paulo.

Entre amantes as scenas de ruptura são tentativas desesperadas de não romper.

ABEL HERMANT.

O principal, no casamento, não é os conjuges amarem-se: é conhecerem-se.

PAUL HERVIEU.

São hoje honradas mais uma vez as paginas do *Brasil-Portugal* com a publicação do retrato d'este homem illustre, e d'alguns traços ligeiros biographicos — homenagem de um amigo velho, que n'este momento sente um immenso prazer ao render-lhe este preto da sua muita estima.



DEPOIS da nossa ultima chronica os acontecimentos mais notaveis da politica internacional foram dois discursos — um proferido por lord Rosebery em Chesterfield, outro pronunciado pelo conde de Bülow no Reichstag allemão. Cada um d'elles, embora sob diversos aspectos e por distintos motivos, merece fixar a nossa attenção. Começemos pelo discurso do estadista inglez. O tema da sua oratoria foi o tratado de commercio que os nossos leitores estarão lembrados, como uma das consequências da guerra do Transval e transformação dos partidos politicos ingleses. A velha organização dos *Whigs* e dos *Tories*, já profundamente abalada pela questão do *home-rule* para a Irlanda, acabou de desconjunctar-se ao embate dos graves problemas, que o conflicto sul-africano suggerio. Foi principalmente o partido liberal o que maior transformação soffreu no seu modo de ser. Não até affirmar-se, que os antigos partidarios de John Bright, de Gladstone e de Morley deixou de existir, em parte porque se fraccionou, mas em parte tambem porque perdeu as ideias que lhe eram proprias, sem poder até agora encontrar novo programma para substituir a sua bandeira tradicional.

Os principais vultos do liberalismo não conseguem harmonisar-se com respeito ás actuaes necessidades do imperio, nem mesmo podem chegar a accordo sobre o modo de combater a politica do governo, que é no fim de contas, quem continua lucrando com a desorientação do partido opositorista. A um lado encontram-se homens como Asquith, ex-ministro do reino no ultimo ministerio Gladstone e sr. Edward Grey.

Constituem a direita do partido, que nas questões da guerra e de politica internacional está inteiramente ao lado do governo. Do outro lado acham-se sr. Henry Campbell-Bannerman e sr. William Gladstone, chefes do que podemos chamar a esquerda do liberalismo, em lucta com o ministerio Salisbury, mas sem coragem bastante para assumir na questão da guerra e dos problemas relativos ao imperialismo uma posição clara e definida. E' entre estas duas fracções do velho partido *Whig*, que o conde de Rosebery acaba de tomar posição pelo seu discurso de Chesterfield, tão acaloradamente discutido em todos os pontos da Inglaterra. Foi de parte de questões de forma, relativamente secundarias, e certas subtilidades de expressão que não logramos comprehender, como a da *incorporação* das republicas sul-africanas em vez da *annexação*, que o governo preconisa, o discurso do conde de Rosebery é, no nosso entender, o golpe de misericórdia dado na politica de sr. Henry Campbell-Bannerman e na sua chefatura, triste realisa da canna verde, que as suas deves não nunca poderam sustentar com firmeza. Ao mesmo tempo o discurso de Chesterfield estabelece a critica ao ministerio que não poupa, e uma justificação senão dos processos ministeriaes, pelo menos dos fins ostensivamente proclamados pela administração a que preside lord Salisbury. O procedimento do exercito inglez exalta-o calorosamente o conde de Rosebery, censurando os que tentam maliciar-lhe a honra. A guerra entende elle, exactamente como o sr. Chamberlain, que deve ser levada até ao fim, custe o que custar. Declara-se em todos os pontos partidario do imperialismo. Rompe de forma definitiva com o *home-rule*, do momento em que os irlandezes se emparceiraram com os inimigos da Inglaterra. E até se insurge contra os que aventam como solução para as difficuldades actuaes a ideia de alijar do governo o secretario colonial, cuja conservação pelo contrario no poder o conde de Rosebery julga indispensavel no momento presente. Com taes affirmações, e com procedimentos que as auctorisam e lhes servem de comentario, parece-nos não poder haver duas opiniões a respeito da significação e do alcance do discurso de Chesterfield. A futura administração liberal, que ou ha-de tardar muito ou tem de ser presidida por lord Rosebery, será nos seus pontos capitaes a continuação da administração de lord Salisbury, embora com outros processos, com outro pessoal, e uma ou outra mudança em questões puramente secundarias. No que respecta, porém, á politica exterior; á organização do imperio, á sua politica de independencia, á sua politica de annexação das republicas sul-africanas; e á politica com relação á Irlanda, a linha de conducta do actual governo, que é approvada pela grande maioria do povo inglez, será mantida.

E' esta a lição que se deduz do discurso do conde de Rosebery, que ha alguns annos e mesmo até ha alguns mezes apenas seria impossivel na bocca de um estadista liberal, e que no entanto hoje é recebido na maioria das cidades do mundo, com o mesmo enthusiasmo e sympathia, e em todo o caso sem hostilidades declaradas da parte dos que elle mais contraria nos propositos politicos e nos interesses partidarios.

O movimento anglophobico na Alemanha continua a accentuar-se por uma forma, que do balde se lhe procurará precedentes na historia das relações internacionais, sobretudo entre países que estão em paz um com o outro. E' o veneno de inimizade que se expande de aquelles, que por dever e interesse proprio mais lhe deviam resistir. Já não são simplesmente oradores anonymos e folhas de baixa cotação, que se fazem echo das mais absurdas calumnias contra a Inglaterra e a honra do seu exercito. A sanha de aggradir a Grã-Bretanha já se manifestou no proprio Reichstag, onde o deputado Libermann von Sonnenberg pronunciou a proposito do tratado de commercio deves, que nunca foram ditas em parlamento algum do mundo, e o que mais grave é, o proprio chanceller von Bülow, sob apparencias mais cortezes, profundamente cheio de amor proprio nacional inglez, mostrando-se escandalizado por se comparar o exercito allemão ao exercito

do reino Unido, onde aliás, como muito a proposito o faz notar o *Times*, é feld-marchal o proprio imperador Guilherme! Chegá a parecer incrível que um homem da esphera do conde de Bülow, com as responsabilidades da politica de um grande imperio e com a habilidade incontestavel, de que tem dado sobejas provas, haja assim contempto e não se dê conta da descomposta gritaria dos que nos contempando o bozo nazi, e o povo allemão, e a elevação intellectual mal se compadecem com a presente aberração moral do seu procedimento.

No meio de toda esta desorientação ha no entanto alguma cousa, que espanta pela sua não vulgar grandeza — é a serenidade digna da Inglaterra, perante a campanha de descredito de que está sendo alvo. Leia-se a sua imprensa, ouçam-se os discursos dos seus oradores, e compare-se a compostura de linguagem, que caracteriza esta replica tão commedida e tão graciosa, com a descomposta gritaria dos seus jornaes e na tribuna na Alemanha coberta de vituperios a nação ingleza. Dir-se-ha que semelhante attitude da parte da altiva Grã-Bretanha é apenas dictada pelo receio de provocar novas complicações, quando a questão sul-africana está longe de se achar resolvida. E' possivel que assim seja. Não deixa, porém, de constituir espectáculo digno de fixar a attenção do mundo, o ver um povo com bastante dominio sobre si proprio para não se desmandar nem perder a linha da mais apurada correção em presença da desmoralização, que lhe promove a colligação de interesses feridos, de ambições insofridas e de mal contidas invejas. O que vale a pena ser registrado é ter-se tornado centro d'esta colligação a Alemanha, que com tantas blandicias trata, conforme é sabido, os polacos da Prussia oriental e os dinamarquezes do Sleswig... *Rizum tentatis*...

Seja qual for o resultado de um grande povo como o allemão sacrificando a uma injustificavel desorientação de seus sentimentos as relações internacionais com uma nação qual irmã, lançando á boa terra semente de odios e malquerenças, d'onde no futuro pôde medrar a seára damninha de lamentaveis catastrophes.

A America do sul continua entregue ás incertezas, que o estado pôde dizer-se chronico de revolução e de guerra nas diversas republicas da America do sul, e de guerra em aquelle maladado continente. Ao norte é o conflicto entre a Columbia e a Venezuela, que se complica com novas peripécias, ligadas ás revoluções que ultimamente estalaram neste ultimo paiz. Ao sul é a questão de limites entre o Chile e a Republica Argentina, que esteve ha poucas semanas prestes a provocar uma guerra entre estes dois florescentes estados. Por agora apaziguou-se a contenda. Ninguém poderá contudo affirmar, que amanhã se não rompan as hostilidades a proposito de qualquer pretexto, e ao maior, o que para a Republica Argentina é o maior objecto de mais ou menos legitima ambição, consueve para o Chile problema de vida ou de morte, ligado intimamente á propria existencia nacional. A Republica Argentina sobram terras que possui em abundancia, capazes de conter população muitas vezes superior á actual. O Chile, pelo contrario, entalado na estreita facha de territorio que corre entre a cordillera dos Andes e o Pacifico, carece de mais espaço para se poder expandir, e a sua situação de paiz, dependendo a situação preponderante, que na America do Sul conquistou depois da victoriosa campanha, que sustentou contra a Bolivia e o Peru reunidos. E' esta a significação da contenda a respeito da Ultima Esperanza, o territorio contestado. Mas o Chile não necessita simplesmente alargar o seu acanhado territorio. Precisa tambem defender a sua hegemonia maritima no Pacifico, impedindo a todo o custo que a Republica Argentina obtenha um porto neste mar. No dia em que aquella republica poder dominar nos dois oceanos, ligando os magnificos portos atlanticos que possui a um porto qualquer do Pacifico, pelo mar com as suas esquadras, e por terra com a continuidade do mesmo territorio, a situação do Chile, como nação independente, é insustentavel. E' verdade que esta ultima nação é das duas a mais civilizada. E' verdade que o exercito chileno mantem sempre o tributo de respeito e de consideração superioridade. Mas estas condições relativamente favoraveis do Chile, tendem a modificar-se cada vez mais, á medida que o poder e a riqueza da Republica Argentina forem aumentando com o accrescimento da sua população.

Por agora ambas as nações resolveram suspender qualquer procedimento violento e aguardar a decisão da Inglaterra que, como arbitro, deve decidir a contenda. Osaal, no interesse da paz, que a sentença do tribuna arbitral seja de molde a afastar definitivamente os recios de conflicto armado entre dois estados, que não sem duvida allega dos mais sympathicos da America do Sul.

No momento de fechar esta revista communicamos o telegrapho rumores de paz, que por ora apenas se cifram, ao que parece, n'uma intervenção amigavel do governo hollandaz para pôr termo á guerra. E' evidente, conforme se deduz das anteriores declarações do governo inglez, que a intervenção de Sr. Juyper sómente pôde ter probabilidades de bom exito, se elle conseguiver levar ao convencimento dos boers, que é uma loucura a continuação da guerra, e que não é menos louco teimar em fallar no restabelecimento da independencia das duas republicas, quando esta independencia está irremediavelmente perdida. Mas os boers tem interesses a salvaguardar não menos valiosos do que a independencia politica; e quanto mais tardarem em solicitar a paz, tanto mais duras serão as condições finaes, que cada dia de demora, como é natural, aggravará.



# Theatros

D. Amelia

Semi-irgens — Zaza — A Lagartixa

Todas estas tres peças tinham sido já ouvidas no theatro D. Amelia, e contanto registamol a nesta pagina porque a circumstancia de entrarem n'ellas outros artistas, e de valor consagrado, dão-lhes fóros de novidade.

As *Semi-irgens*, de Marcel Prevost, primorosamente traduzidas pelo sr. Mello Barreto, é uma das peças que nos ultimos tempos maior successo teem tido em Paris.

Considerada talvez um pouco livre, é contudo uma das peças mais moralistas que conhecemos. Tem no fundo uma lição e um conselho, e é também um protesto contra a liviana educação moderna da mulher, especialmente da mulher franceza.

Qualquer, porém, que seja a discussão a que se preste o assumpto que constitue as *Semi-irgens*, sobre a sua admiravel contextura é que não pode haver duas opiniões. É uma peça muito bem feita, com typos magistralmente desenhados, especialmente o de mulher, muito brilhante e viva no dialogo, cheia de situações qual d'ellas mais interessante, prendendo sempre o espectador pelo interesse.

D'ahi o exito obtido, para o qual em grande escala concorreram os brilhantes artistas de D. Amelia aos quaes o seu desempenho foi confiado.

Maria Falcão, cujos progressos de peça para peça se accentuam, deu ao seu papel, por demais difficil e cheio de exigencias, uma interpretação magica, e para se ver o que foi o *ensemble* do desempenho bastará dizer que os dois Rossas, Augusto e João, Delina Cruz, Maria Pia, Alves e Pinheiro, foram os outros interpretes que tamanha colheita de applausos obtiveram em successivas noites.

Foi o apparecimento, n'este theatro, de Lucinda e Lucilla Simões e de Christiano de Sousa que fez remoçar as tão nossas conhecidas *Zaza* e *Lagartixa*.

Pareciam duas *premières* sensacionais as noites em que essas peças reapareceram para reaparecerem esses artistas, que o Brasil não rouba quasi todos os annos, sem calcular que nos rouba ten dos maiores prazeres espirituas que sentimos: o de vel-os representar.

Encarregou-se felizmente de nos dar a *revanche* a empresa do theatro D. Amelia, que n'um dia nos deu a *Zaza* e no outro a *Lagartixa*.

Na *Zaza* revela-se em toda a sua pujança o temperamento artistico de Lucilla, que se por vezes, em algumas phases da peça, não consegue contol-o bastante para se effeitos de representação se approximarem mais da verdade, feliz culpa é essa, da qual é unica responsavel a sua mocidade estuante.

Mas em quantas situações, em quantas scenas, o seu primoroso trabalho revela uma artista de raça! Se não quizessemos citar as que decorrem por esses quatro actos em que mais podem expandir-se as suas faculdades de artista, bastava frisar todo esse ultimo acto em que ella, da sua corda dramatica, sabe tirar com exito toda a poesia do passado.

Applaudim-n'a sempre e com justiça os publicos de todas as noites em que desde o seu apparecimento a empresa tem posto em scena a *Zaza*.

Fez tambem, no D. Amelia, a sua estreia n'esta peça, o actor Chaby, que caracterizou e representou a primor o seu papel, apesar de ter quasi nenhuma importancia.

Christiano de Sousa tem progredido visivelmente. Faz com verdadeiro talento e primorosa correção o amante de *Zaza*.

Além d'estes artistas, que todos entraram na *Lagartixa*, o acontecimento por excellencia, na *première* da engraçadissima peça de Feydeau, era o apparecimento de Lucinda Simões, a actriz gloriosa, que tem consagrado á arte, n'um culto sempre crescente, o melhor da sua mocidade, da sua illustração e do seu talento.

É com um verdadeiro prazer espirital que o publico de Lisboa acolhe sempre a grande actriz portugueza, mostra na arte de representar, interesse por excellencia da alta comedia, a qual elle creou incomparavelmente a *baronne d'Ange* do *Demi-Monde*. O papel que lhe cabe na *Lagartixa* é inferior aos seus recursos, mas nem por isso deixa de ser eximia no desempenho d'elle, e quanto o publico lhe quer, provou-l'h'o mais uma vez com applausos calorosos, de que compartilharam Lucilla, Christiano e Chaby, aos quaes tambem na *Lagartixa* foram desempenhados importantes papeis, por todos elles esmeradamente desempenhados.

## Trindade

A arte nova

Apesar da espada policial de Damocles, sempre imminente sobre as revistas do anno destinadas ao theatro, não faltam revistas, uns já affeitos ao genero, outros que fazem n'elle as suas primeiras armas.

O sr. Accacio de Paiva já n'outra revista de collaboração, representada no mesmo theatro, tinha mostrado o que valia. Reforçado pelo exito da primeira, apresentou-se d'esta vez, trazendo consigo a *Arte nova*. É melhor? É peor? *Chá lo sa?* Em revistas é bom o que faz rir, e quem exigir mais do que isso é excessivo na exigencia. E se d'esta qualidade raros dispõem, se o humorismo é um predicado que vae escasseando, e cuja falta senivel já o grande Camillo se viu obrigado a lamentar, nada hoje consideramos mais difficil do que patentear-n'o uma revista do anno, onde a graça tem

de ser passada pela joieira policial, desbastada pela rasoira do genero civil.

É aqui teem a razão porque consideramos necessarios mais talento, mais arte, mais espirito, para architecturar hoje uma revista theatral, ainda que o exito corresponda a tudo isso, do que n'outras epochas em que a caricatura de personagens em voga, a frescura dos ditiches, a liberdade dos comentarios, o pieno regimen da laracha, bastavam para todas as noites despoliar o publico.

É, postas estas considerações previas, como se diz nos discursos graves, passemos a falar da *Arte nova*, em scena na Trindade. São tres actos cheios, nos quaes, se nem sempre a graça consegue scintillar, ha muita observação, comentarios felizes, humorismos de bom gosto, e ditos rápidos, e maliciosos, que, se não fazem como d'antes, arripior os cabellos, ora provocam sorrisos, ora arrancam gargalhadas.

A *Arte nova* tem quadros bem traçados e bem dispostos, podendo mencionar-se pelo exito alcançado, sobretudo em situações engraçadas, as que teem por titulo *L'airain infernal*, *Feira franca*, *Liberal constituição* e *De portas a dentro*...

Pela collaboração que deram á revista, largamente contribuíram para esse exito: Del Negro, que escreveu lindissimos numeros de musica, Augusto Pina, cujas aptidões de scenographo bem evidenciadas estão nas scenas principaes da revista, Carlos Cohen, cuja thesoura aprimorada cortou os fatos exquisitos e luxuosos da peça, e o emprezario Gouveia, que nunca se poupa a esforços para por em scena com gosto, com propriedade e com luxo, as peças destinadas a fazer carreira no seu theatro.

Resta falar dos artistas, o que não quer dizer que ainda d'esta vez os timos não sejam os primeiros.

Na primeira plana — *à tout seigneur tout honneur* — Loppiccolo e José Ricardo.

A gentil e graciosa actriz tem enaje de revelar todos os seus dotes, e pelas *toilettes* originaes e elegantes que ostenta, pela forma brilhante porque representa toda a peça, e canta os trechos de musica que lhe couberam, bem merece os applausos que largamente lhe teem sido distribuidos.

Joé Ricardo, que no *Compadre* da revista fez uma admiravel copia d'esse famigerado typo das ruas — o *caustelleiro* — pode dizer-se que é a alma e a vida da *Arte nova*.

## Rua dos Condes

Na ponta da unha

Alfredo Mesquita e Camara Lima são conhecidos e citados pela vivacidade de espirito e pela graça ora caustica ora ligeira. Essas qualidades inconfundiveis, e raras na nossa litteratura de hoje, como as applicariam elles a uma revista, visto que pela primeira vez abordavam esse difficil genero litterario? D'ahi a curiosidade do publico em assistir á *première* d'aquella que está dando successivas enchenças ao theatro da rua dos Condes.

E não foi illudida — bom é já dizer-se — a expectativa geral. Não houve difficuldade que não tivessem de vencer, córtés e regulamentos que não tivessem de respeitar, scenas e phrases de effeito seguro, que não tivessem de engulir, e, apesar de todas as tentativas que hoje pesam sobre este genero theatral, saíram-se bem da tarefa. Escreveram tres actos saliantes de graça, enchendo de comentarios alegres e picantes os factos que mais se salientaram no anno que estavam revistando, e sobretudo pondo no dialogo um brilho e um *savoir faire*, que entremem o espirito e se mette pelos ouvidos sem nada perder do seu sabor litterario.

Foram felizes os auctores de *Na ponta da unha* no desenho de alguns quadros, salientando-se a todos o dos theatros com que fecha o 2º acto, muito vivo, muito movimentado, hilarante, arrancando applausos aos mais sorumbaticos e aos mais exigentes.

Para o effeito conseguido tiveram preciosos collaboradores, a começar por Dias Costa, cujos numeros de musica fresca, vivaz, por vezes inspirada, são intercalados na peça com sciencia de *miétric* e por Celso Herminio, que denhou os figurinos, dos mais aparçados, de melhor bom gosto, e do mais requintado luxo, que ultimamente temos visto nos nossos theatros.

Entram na revista todos os artistas da Rua dos Condes, e todos elles se esmeraram nos papeis que lhes foram confiados. Se d'essa longa lista alguns quizessemos destacar, principariamos por Beatriz, que no seu petulante papel de Gualdina, sabe sublinhar a tempo e com arte as phrases criticas em que os auctores puzeram mais malicia e mais intenção. O outro artista, que está sempre em scena e com a sua carca e seu talento comico mais contribue para o successo crescente da revista, é o Valle — *ça sa sans dire*.

## Príncipe Real

O Alfenim

Lopes de Mendonça não é só um dos mais brilhantes, é também um dos mais fecundos dos nossos escriptores de theatro.

Mais uma peça sua acaba de ser representada no theatro do Principe Real: o *Alfenim*, que o estimado emprezario d'aquella theatro, o sr. Ruas, pôz em scena na noite da sua festa. É um drama á antiga, cheio de situações empolgantes. O publico applaudiu-o de veras, e d'esses applausos partilharam Adelina Ruas, que desempenhou notavelmente o papel principal e Joaquim de Almeida, que no *Alfenim* por em evidencia as suas grandes qualidades de artista.

JAYME VICTOR.



# BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estêvão Nunes & F.º  
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castello, Jaime Victor, Lorjô Tavares  
Editor — Luiz Antonio Sanchez  
Redacção e administração — Rua de S. Roque, 115  
Ead. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Numero avulso		ANNO.....	24.000
Anno	Moeda brasileira	6 mezes.....	12.000
	30.000	3 mezes.....	18.500
	28.000	Numero avulso.....	3.500

## SUMMARY

Mouzinho de Albuquerque — HENRIQUE DE PAIVA  
COQUEIRO.  
Moçambique — TITO FERNANDES.  
Romance e poesia no Brasil — LEOPOLD DE FREI-  
TAS.  
Guitarra que fala — CAEL.  
Elegancias e mundanidades — As amazonas —  
PINTO DE CARVALHO (Thop).  
Conselheiro José Duarte Rodrigues — JULIO DINIZ  
SAMPAYO.  
Politica internacional — CONSELHEIRO PEDRO.  
Theatros — JAYME VICTOR.

## PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.  
Representantes do «Brasil-Portugal».  
O «Brasil-Portugal».  
Bibliographia.  
Bom conselho.  
O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa.)  
Cartas da Quinquena.  
ANNUNCIOS.

## 27 Illustrações

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os se-  
guintes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agencia Central  
dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo de Mo-  
raes e José Martins Pollo, Rua da Alfandega, 4, sobrado.  
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.  
PAHOA — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua  
Inho Alfredo, 50.  
MANAOS — Jayme & Camara — Livraria Classica —  
Rua Guilherme Moreira.  
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.º  
CEARA — Salles Torres & C.º  
BAHIA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria  
Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 28.  
FLORES AB — Carlos Pinto & C.º (Livraria Ameri-  
cana).  
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Ame-  
ricana).  
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livr-  
ria e a Grande) — Rua Marshal Floriano, 100.

### Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.  
MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.  
QUILIMANE — Henrique Jorge de S. Novaes.  
HENGUELLA — Mathews & Tavares.  
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da  
Silveira de Lorena.  
BOLA MA (Guiné) — Cesar A. Gonçova da Silva Ro-  
quem, Theoureiro geral da Provincia.

### No India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso  
Francesa — Rua Afonso de Albuquerque.

### No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,  
240.  
EVORA — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis  
Freire Correia, Rua d' Ladeira, 18.  
BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.  
PONTE DE LISBOA — Carlos Azeiteiral & Com.º  
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.  
ALTO LAGO — Pedro Augusto Pessoa.  
BEATRIZ — Antonio Augusto Salgueiro.  
FLYAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.  
AT COBAÇA — José Narciso da Costa.  
PANGLOSS — Domingos da Guerra Conde  
LEIRIA — Manuel Pereira Dias.  
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira  
VIANA DO CASTELLO — J. B. Domingues.  
COCHIN — José Pereira Cabral.  
TAVIRA — José Maria dos Santos.  
FARO — Nays & Trigo.

### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

## REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o  
Brasil-Portugal os srs.º  
Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.  
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de  
Portugal), em SANTOS.  
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Ja-  
guára, n.º 1), em CAMPINAS.  
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8),  
em AMPARO.  
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de  
Portugal), no RIBERÃO PRETO.

## BIBLIOGRAPHIA

### Casa com duas portas é má de guardar A mocidade de Nun'Alvares

O sr. Francisco Serra, antigo jornalista e es-  
critor dramatico, acaba de fazer publicar n.º um só  
volume, duas comedias, uma em verso outra em  
prosa, a primeira em 4 actos, e em 3 a segunda,  
sendo esta precedida de juizes criticos de Pi-  
nheiro Chagas e Julio Cesar Machado, de cartas  
do ministro de Hespanha Fernan-les de los Rios,  
duque de la Torre, José de Sousa Monteiro, e de  
varias apreciações da imprensa.

A casa com duas portas é uma lindissima co-  
media de Calderon de la Barca vertida com es-  
mero e sabidamente accomodada á scena portu-  
guez-a. O sr. Francisco Serra venceu todas as  
difficultades que se offercem a quem emprehen-  
de uma tarefa litteraria d'esta natureza.

Da mocidade de Nun'Alvares sae primoroso  
o estudo da epoca, e as personagens que rodeiam  
o grande portuguez durante os melhores annos  
da sua mocidade são colhidos em flagrante, e  
com arte postas em scena.

Como obra de theatro, reúne todas as condi-  
ções de agrado, porque Francisco Serra não é  
novo no métrio, e sabe revestir a linguagem de  
todos os encantos de que ella carece para ser  
viavel no palco.

São, em summa, dois trabalhos de valor, que  
tanto Portugal como o Brasil tem o dever de  
apreciar porque representam estudo, talento e  
arte.

Ao auctor agradecemos o volume com que nos  
brindou e a amavel dedicatória com que nos dis-  
tinguiu.

## Bom conselho

— Como tu está abatido, rapaz!  
— Que queres? Loucuras... excessos... o  
diabo!...  
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo,  
com boas côres. E eras tão fransino!  
— Couzas, meu velho. Faz-me eu. Toma  
o Choccolato de Hershey, que se fabrica no  
Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do  
Rio de Janeiro.

# O NOSSO JORNAL

(A quinzena noticiosa)

### Abertura das côrtes

Com o cerimonial do costume o parlamento  
inaugurou as suas sessões pela sessão solemne  
do dia 2 em que o Chefe do Estado leu as re-  
presentantes da nação o discurso da corba ord-  
mento altamente politico, que resume em si a  
explicação das medidas governamentais durante  
o interregno parlamento e o futuro plano do mi-  
nistério.

Nesse documento que não transcrevemos na  
integra por ser demasiado extenso, refere-se o

governo—, porque é sempre d'elle a responsa-  
bilidade do real El-Rei — á morte de Mac-Kinley,  
á viagem real ás ilhas e á trasladação das ossadas  
reaes no Mosteiro da Batalha.

Depois diz:  
«Perante a guerra travada na Africa do Sul,  
temos mantido, no districto de Lourenço Marques  
a inviolabilidade do nosso territorio e o respeito  
pela soberania portugueza, franqueando hospita-  
lidade aos que se acollheram á protecção da  
nossa bandeira, assim nos dominios de Africa,  
como no continente do reino. A's forças de mar



e terra, que se tem assaigado, com risco e sacrificio proprio, no avigoramento do nosso prestigio colonial, merecidos louvores Me apraz tributar.

Um *modus vivendi*, de manifesto alcance para Lourenço Marques, foi ultimamente celebrado entre o alto commissario inglez e o governador geral da provincia de Moçambique, assentando as bases de um accordo aduaneiro e de tarifas ferro-viarias, e regendo a emigracão de indigenas, da nossa possessão para as minas do interior; na reciprocidade de vantagens, alli estipuladas, ganhará em incremento o trafego da nossa colonia.

A seguir, refere-se ás reformas feitas pelo Governo, até chegar á questão de Fazenda, que, sobre todas, prevalece:

«Relporta sobre maneira attentar a situacão de Fazenda, como ella realmente se apresenta. Malhorou a taxa cambial, diminuindo o agio do ouro, o que reduz encargos; elevou-se a cotacão dos fundos nas praças estrangeiras, o que mais valorisa os titulos da nossa divida; fecharam-se com superior resultado as contas da ultima gerencia, o que aproxima o balanço das receitas e despesas; e a todos os pagamentos necessarios pôde o Thesouro occorrer, sem para isso se vêr forçado a alienar valores na sua posse. São factos que registo com satisfacão. Mas factos que se, com o incontestavel desenvolvimento da nossa producção e commercio, mostram que a situacão melhora, que Portugal trabalha e progride, nos impõem reflexão e aviso, para que se consolide e avigore a melhoria alcançada n'este labuvar de dez annos, após uma crise dolorosa.

«A lei de 20 de maio de 1893, que estabelece o regimen de pagamento dos encargos annuaes da divida publica, desde de então em execucao, tem Portugal dado exacto e pontual cumprimento garantindo e assegurando, por modo effectivo, a regularidade das funcões da Junta do Credito Publico; aos compromissos resultantes d'essa lei enquanto vigorar, não faltará certamente; esperando que, em equitativa conciliacão dos interesses dos portadores estrangeiros com os recursos proprios do Thesouro, sem quebra da an-

tonomia financeira da Nação, se effectue uma conversão dos titulos da divida externa, que melhore e affirme as condicões do nosso credito.»

#### O suicidio de Mousinho de Albuquerque

O grande acontecimento da quinzena foi o suicidio do valente militar que occupava hoje o lugar de aio do Principe Real. Na tarde de 8, depois de ter estado no Club Tanromachic, e em alguns estabelecimentos do Chiado, metto-se no seu trem, e ordenou ao cocheiro que fosse para Bemica. Ao passar pelo alto da Avenida mandou parar, apoeiouse, esteve passeando sózinho algum tempo e depois voltou para a carruagem que ao contrario do seu costume, n'esse dia quizera que fosse fechada. No caminho parou novamente junto a um marco postal, para deitar umas cartas, e quando o coupé passou nas Laranjeiras, deu um tiro na cabeça. A detonacão, o cocheiro parou, desceu da alfomada e encontrou Mousinho que travaja, como sempre, á militar, todo curvado para a frente. Corre a chamar uma policia e a toda a brida dirigi-se para o Hospital da Estrella onde elle chegou cadaver.

O tragico acontecimento deu-se ás 5 horas da tarde. Uma hora depois, quasi toda a cidade o conhecia já, porque do Hospital da Estrella comunicaram logo pelo telephone á policia que participou acto continuo ao Governo e para o Paço.

El-Rei, logo que o soube escreveu duas cartas, uma ao sr. presidente do conselho e outra ao sr. conde de Arnoso, seu secretario, manifestando n'ellas o seu profundo pesar pelo triste acontecimento.

O sr. Conde de Arnoso foi logo para o Paço, de onde partiu em seguida para o hospital da Estrella com os srs. Conde de Tarouca e coronel Duval Telles.

Sua Magestade ordenou que todos os officias da sua casa militar fizessem turnos velando o cadaver.

No dia seguinte, pela manhã o soberano, de

pequeno uniforme e acompanhado pelo Principe Real com a farda do Collegio Militar foi ao Hospital, demorando-se ajelhado ao pé do cadaver do heros de Chaimite. O Principe que era muito amigo de Mousinho estava muito commovido.

Por sua parte a Rainha durante os tres primeiros dias visitou a viuva de Mousinho, demorando-se junto d'ella umas poucas de horas. A pobre senhora que foi tambem uma heroica companheira de seu marido em Africa, ignorou nos primeiros dias o suicidio. Soubera apenas que elle havia morrido e mais nada. Depois, pouco a pouco, e que a familia a foi inteirando de toda a tragedia.

Os motivos? De todas as conjecturas que se fazem, a que parece mais verosimil é a que attribue a resolucao do brilhante official á nostalgia de Africa. Mousinho era uma aguia, gostava de voar, ora dentro do Paço, não podia fazel-o. Depois as exigencias da pragmatica casavam-se muito pouco com o seu feitio. Estava deslocado.

Mousinho era hoje tenente-coronel de cavallaria, e tinha 46 annos. Além da grã cruz da Torre Espada, era commendador de Aviz, por serviços distinctos, tinha duas medalhas de ouro do valor militar, duas outras por serviços relevantes no ultramar com as legendas *Chaimite e Gaça*, commendador da Agua Vermelha, sendo o unico estrangeiro que possuia esta ordem; cavalleiro de S. Jorge da Inglaterra; commendador da Legião de Honra, de Franca; de S. Maurício e S. Lázaro, de Italia; cavalleiro de Carlos III, de Hespanha; e commendador de Leopoldo, da Belgica. Tinha tambem a carta de conselho.

O seu funeral foi imponentissimo. Abria o cortejo uma fila enorme de carruagens, depois um coche da Casa Real com o Principe herdeiro e o Infante D. Alfonso, outro com os sacerdotes e um terceiro com as corças. A seguir, o cavallo de Mousinho, todo coberto de preto e levado á mão por um soldado, como os leitores verão pelas gravuras que o *Brasil-Portugal* hoje publica, acompanhadas por um brilhante artigo de Cabral Couceiro, um dos companheiros em Africa do heros de Chaimite.

## GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situacão pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite !!

A 3 minutos da Estacão do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



## VINHOS

### CHAMPAGNE

### VILLAR D'ALLEN VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO



Depois da a carreta com a urna, coberta esta da bandeira nacional, e com a multidão daquela porção de cavalaria condecorados com a Torre Espada. Seguiu a pé um luzido cortejo em que figuravam os officiaes da casa militar de El-Rei e muitos outros de exercito de terra e mar, de-se generaes até alferes.

A's borlas do caixão, sempre conduzido pelos amigos intimos de Mousinho, e seus officiaes de armas, assistiam os ministros effectivos e honorarios, Presidentes das Camaras, e officiaes generaes. Antes da urna descer ao jazigo de familia o Ministro da Marinha em nome do Governo pronunciou este discurso:

SENHORES:

Poucos mezes vão passados depois de que, traduzindo o profundo sentir do Governo, vim a esta lugubre pousada prestar a derradeira homenagem á memoria d'um grande portuguez que em vida relevantes serviços prestara ao seu paiz, assignalando-se principalmente pela superior organização do plano e pela firmeza na execução das armas, e na guerra de Moçambique a contingencia de ver multada por não inimiga uma parte importantissima do seu dominio colonial.

Quem me diga, senhores, que eu hoje teria de vir aqui, fazer um supremo esforço para dominar a minha natural commoção, para em nome do mesmo Governo cumprir o doloroso dever de lembrar com a pena e a mão de aquelle que me mesma campanha, e haver reunido e só tudo quanto pôde haver de grande em patriotismo, em valor guerreiro, em louca audacia e em bravura.

Ha cerca de vinte annos que na Africa do Sul tomou desenvolvimento um enorme potentado guerreiro, que, com excepcional prestigio sobre os seus vassallos, se tornou o primeiro a ameaçar a nossa segurança e a das colonias vizinhas, que outra nação europeia, no exercicio da sua missão civilizadora, ali tinha organizado. Transigimos durante annos com o poderoso regulo; e outro paiz mais forte que o nosso preleu o entendimento ás contingencias d'uma guerra, que eu entendo e sentia como o que de mais tonto e de mais poderosa dar-se na Africa do Sul.

O prestigio do regulo, a força material de que dispunha, o numero e a qualidade dos seus homens de guerra, haviam-lhe granjeado a fama de invencivel. Mas deveria por isso e impunemente continuar a vida de depredações a que se entregára e a pôr em perigo a parte mais valiosa da nossa provincia de Moçambique? Não; e foi assim que outr'ora desfaldára a bandeira da conquista n'aquellas paragens, asombrando o mundo com a fama das suas victorias, ao mundo quiz mostrar que se não extinguira a raça dos antigos dominadores. E em um arranco de audacia, que feriu de espanto toda a Europa, Portugal applicou ao paiz rebelde a impetuosa quepe, e assim que se havia entibado a acção do povo que tem a mais formosa historia dos grandes povos.

Rapidamente com incommensuravel ardor e entusiasmo se puzeram a caminho para uma guerra que a muitos se figurava perigosissima e contingente nos seus resultados. Á esse punhalo de bravos, que já mais poderião esquecer á gratidão do paiz, entregaram-se o soldado da provincia de Moçambique: vencer ou perder a provincia era o fatal dilemma em que Portugal fôra collocado pela força das circumstancias.

Os soldados portuguezes assim o comprehendiam, e com prodigios de incomparavel heroidade, desde Marracuene ao Magulo, de Cooilela a Manjacaze, a barra da portugueza resistiram, invencivel, e até os que mais ludiviam do exito da campanha sentiram-se estremecer de admiração e commoção, entencidos, dominados de espanto e respeito por todos aquelles que abriam uma nova época de grande heroica para a sua patria querida. Foi batido e rechaçado o poderoso guerreiro; mas tanto astuto como audaz preparava-se para, estabelecendo a abadia que se soffria, inventava novamente com os portuguezes, obrigando-os a novos e grandes sacrificios de vidas e de dinheiro, expondo-os a novos e grandes perigos. E emquanto os soldados que o haviam combatido, gastos e exhaustos pelos rigores do clima e pelas fadigas da guerra, recolhiam á metropole, o victu, á semelhança da fera astuta que se arranca para de surpresa aproveitar os descuidos da sua victima, a aguardar em Chaimite a oportunidade do seu successo. Não; não ficaria em Chaimite.

Um valoroso official que espontaneamente fôra na expedição e que não quizera regressar ao reino com os seus companheiros de armas, cha-

mado a si todo o patriotismo e toda a heroidade d'uma grande raça, formulara no seu espirito, até a obsessão, o plano de livrar Portugal do seu feroz e formidavel inimigo. Ninguém consentiria em tão grande temeridade, tão louco de audacia era o emprehendimento! A resolução estava tomada.

Desembaraçado das obrigações que a disciplina impõe, seguio de quarenta companheiros apenas, alquebrado e em lucta com cansaço e com febres exhaustivas, parte, e illudindo a vigilância sobre elle exercida para que braço prudente e não afflatsse de realizar a sua suprema aspiração — vencer ou morrer — lá vai — leich sobre a aringa do poderoso viuvo, entre milhar dos seus guerreiros, praticando o mais audaz, o mais extraordinario, o mais glorioso feito de armas, como equal não figura na historia de nenhum povo. Aprehendia o Gungunhana!

A noticia d'este glorioso facto, passada ao conhecimento do publico pelo chefe do estado, em palavras de fremente entusiasmo e commoção, dominou pela sua immensidade. Quem fôra, perguntava, o destemido homem que realizara tal e tão committimento, que excedia a concepção humana? Fôra Mousinho de Albuquerque, e o seu nome que ecoou em todo o paiz com a velocidade do relampago, foi pronunciado de bocca em bocca com verdadeira superstição. Na capital como na provincia, nas cidades como nas aldeias mais reconditas, ricos e pobres, grandes e pequenos, abalados pela grandera heroidade do feito. Era esse sentimento que se espantou e curvaram em respeito diante de quem tão alto levantára o nome portuguez e tão assignalado serviço prestára ao seu paiz. De Portugal á Allemanha, á França, á Inglaterra, á Europa inteira passou o nome de Mousinho d'Albuquerque, como o d'um d'aquelles que marcam indelevelmente um povo, e a gloria de uma nação.

Eu proprio ainda estremeco de commoção, o meu coração bate mais rapidamente ao recordar a impressão que no meu espirito fez o conhecimento do feito immorredouro e unico de Chaimite!

O que resta, senhores, d'essa grande gloria nacional?

O que se contém n'aquelle atálide!

Que tristeza! Que dor profunda!

A noticia de que Mousinho d'Albuquerque deixara de existir ecoou dolorosamente em todo o paiz: desde o chefe do estado ao mais humilde dos cidadãos, a sociedade portugueza cobriu-se de luto e foi profundamente ferida nos seus affectos. Era esse sentimento que se desejava traduzir aqui, se a grandeza do thema e a immensidade d'esta tragedia não fossem superiores aos recursos da minha palavra. Na impossibilidade de o fazer, inclino-me em respeito diante dos restos de quem se deixou um nome, que já mais será apagado da mais gloriosa pagina da nossa gloriosa historia.

SENHORES:

Se em todos os tempos as nações cultas procuraram, como cumprimento d'um dever civic, prestar sentida homenagem aos seus grandes mortos, glorificando-os; se, apontando á posteridade actos de heroismo que trouxeram á collectividade nacional honra e proveito, procura a historia fomentar a continuação da pratica de actas virtudes, justo é que, n'este momento, em que a Patria chorá a perda de um dos seus filhos mais illustres e o exercito um dos seus mais valentes soldados, o governo venha ao parlamento pedir-vos, senhores, o vosso consentimento para honrar a memoria d'essa legitima gloria nacional, que em vida se chamou Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque.

Crê o governo que interpreta o sentimento do paiz inteiro, submettendo á vossa approvação esta proposta de lei em que pede uma pensão para a desolada viuva do glorioso soldado vencedor de Chaimite, pensão que será como o echo senão do agradecimento da patria e testemunho inconfundivel de eterno agradecimento e grãtulo pelos excepçanables e relevantissimos servi-

ços que o paiz deve a essa brilhante espada que acaba de perder-se.

Pensa o governo que esta proposta de lei não carece de ser justificada, porque o valor dos feitos grandiosos de Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque, que tão alto ergueo, perante a Europa inteira o nome portuguez e a bandeira de Portugal, essa gloriosa bandeira que com tão rara fortuna tem sido beijada pelo sol dos combates e pelas aguas do mar, pertencem á historia e a historia que é uma resurreição, revive no coração da humanidade, como irradiação sublime de eterna justiça.

Nesta convicção temos a honra de submitter ao vosso alto criterio a seguinte proposta de lei: Artigo 1.º E' concedida a senhora D. Maria José de Massarandubá Gaivão Mousinho de Albuquerque a pensão vitalicia que pela lei de 6 de abril de 1896, foi dada ao seu fallecido marido, o tenente coronel Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque pelos excepçanables serviços prestados na Africa Oriental sendo todavia elevada a réis 11200000 por anno.

Parágrafo unico. Esta pensão é isenta de quaesquer impostos e será abonada desde o dia do fallecimento do referido official.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Fernando Mattoso Santos.

Lúiz Augusto Pimentel Pinto.

A seguir falaram por parte da maioria o ex-ministro das obras publicas, Pereira dos Santos, que é capitão de engenharia; pela opposição progressista o leader conselheiro Veiga Beirão e por fim, o major Alexandre Sarsfield que esteve com Mousinho de Albuquerque nas campanhas de Africa e que com esse discurso fez a sua estreia parlamentar, por uma forma tão notavel que toda a camara o foi cumprimentar.

Facilmente se comprehende a attenção, o agrado e o entusiasmo com que se ouviu a descripção d'esses extraordinarios feitos de armas, apresentada com grande colorido por uma testemunha presencial.

No outro dia reuniu a camara dos pares e equal manifestação se fez á memoria de Mousinho, sendo appoada por unanimidade, e depois de declarada a urgencia, a pensão proposta pelo governo. Na camara alta houve mais discursos do que na camara electiva. Fallaram além do Presidente, o Chefe do Governo, Hintze Ribeiro; depois, pela maioria o ex-ministro Moraes de Carvalho; o Conde de Valença; o ex-Ministro da Guerra, Sebastião Telles; a minoria, o Conde de Arroso, Secretario particular d'El-Rei e amigo intimo de Mousinho; o general Dantas Baracho; e o ex-Ministro da Marinha Jacintho Candido.

A sessão nesta Camara foi levantada em signal de sentimento.

### A situação politica

O gabinete Hintze Ribeiro apresentou-se ás camaras sem soffrer recomposição alguma.

N'esta primeira quinzena tem havido já diferentes escaramuzas parlamentares, estando já votada na camara electiva a resposta ao discurso da corôa, e já discussão, por curta porcentagem, o partido progressista que constitue a maior força da opposição parlamentar fez a seguinte declaração de dizer que votava a resposta ao discurso da corôa como homenagem ao chefe do Estado:

«O partido progressista não cooperará com ministerio algum nem assimir o governo sem previamente se assegurar de que a constituição politica da nação será d'ahi em diante observada e de que não mais se empregarão dictaduras e autorisações parlamentares.»

### VARIAS NOTICIAS

**ESBOÇO** — O pintor Carlos Reis acaba de pintar dois grandes medallhões e com os retratos, em busto, de El-Rei e da Rainha, para as salas das sessões da Junta do Credito Publico onde se veem tambem os retratos dos fallecidos Pinheiro Chagas e Thomaz Ribeiro, que foram presidentes da junta.

— Foi promovido a general de brigada o Infante D. Affonso, irmão do Chefe do Estado.

— Com o titulo de Conde de Villa Alva foi agraciado o sr. José Maria Eugenio de Almeida, filho do par do reino, Carlos Eugenio de Almeida.

— Chegou já de Angra o novo bispo de Lagoa que breve tomará posse.



— Inaugura-se breve uma exposição de aves e coelhos sob os auspícios da Real Sociedade de Horticulura. Vem muitos expositores do Porto.

— As receitas da Companhia dos Caminhos de ferro, nos primeiros oito dias d'este anno foram superiores em 99\$000 réis ás de equal periodo do anno passado.

— Na egreja de Carnaxide casou Carlos Bleck filho de um dos socios da casa Torlades & C.ª com D. Helena Eugenia Pedroso dos Santos.

— Casou Fernando Augusto Ferreira de Moraes com D. Maria Pinto Bastos, filha dos Viscondes de Mira Vouga.

**Porto** — Na rua de Sá da Bandeira, junto ao estabelecimento Guimaries, uma scena de pugilato entre dois membros do partido republicano, o ex-deputado, e advogado Dr. Afonso Costa, e o jornalista Sampaio, que ficou ferido. Este conflicto foi originado por um artigo de Sampaio desagradavel ao seu correligionario, ácerca do congresso ultimo que houve em Coimbra. O partido está dividido em dois campos, e o encontro dos dois campeões mais tenos tornou os espiritos nos dois grupos. Para se fazer uma ideia d'essa tenção basta reproduzir a epigraphe com que a *Voz Publica*, jornal republicano, noticia o caso: *Agresão trágica* — Tentativa de homicidio pelo Dr. Afonso Costa na pessoa do sr. Pereira de Sampaio (Bruno).

O caso ficou entregue aos tribunales onde o Dr. Afonso Costa negou em absoluto que a aggressão tivesse sido feita com box, ou qualquer outro instrumento cortante. Por causa d'isto, foi feito exame directo e mixtumque do ferido.

— Na capella parietular do Paço Episcopal realisou-se o casamento do delegado em Braga Dr. Antonio Homem de Mello com D. Maria Pilar da Cunha Lima Pimentel, filha do Dr. Adolpho Pimentel.

Foi celebrante o arcebispo de Braga.

**Braga** — A fabrica do gaz vai ser adquirida pela Companhia de electricidade.

**Belmonte** — Aqui perto, na quinta das Lamas, do sr. Francisco d'Almeida Calheiros, os creados mataram á paulada um pobre homem que andava a cantar as janeiras. Um outro que o acompanhava ficou tambem em perigo de vida. Envidos os aggressores para a Guarda declararam que haviam sido instigados pelo patrão.

**Coimbra** — A comissão que aqui projecta erigir um monumento a Joaquim Antonio de Aguiar escolheu o Largo do Principe D. Carlos. Iniciaram-se já subscrições pelos diversos cursos da Universidade e habitantes da cidade.

**Lamego** — Foi preso o chefe de uma quadrilha de ladrões, um celebre saltador contra quem havia muitas queixas. Chama-se João Torres, e ha pouco assaltára um pobre ferreiro, dando-lhe tres punhaladas e rouhando-lhe oitenta mil réis.

**Setubal** — Fôra da barra, na altura de Cabanas, cahiu ao mar José de Maira, marítimo da Companhia do Cerco Sado, não tornando a apparecer apesar dos esforços empregados para o salvar.

**Soure** — Morreu soterrado em uma obra o trabalhador Francisco Caldeira, quando andava escavando em uma sobreira. Esta desabou, matando-o instantaneamente.

**Torres Novas** — Em Minde, foi atropellada por um carro de bois, Maria da Graça, de 75 annos, natural das Gavatas, freguezia de Santa Maria. Ficou gravemente ferida.

**Villa Nova de Portimão** — Já foi passada victoria ao lanço do ramal da linha ferrea do sul para esta villa, entre Poço Barreto e Silves.

## Cartaz da Quinzena

**S. Carlos.** — Depois dos *Mestres cantores de Nuremberg*, cantar-se-hão o *Werther*, de Massenet; *Puritans*, para estreia do tenor Bonci, fazendo Regina Paccini a parte de Elvira; *Lombardi*, de Verdi, para estreia da primadonna Adolina Shela e do tenor Garbin; *Hero e Leandro*, opera de Mancinelli, que pela primeira vez se ouvirá em Lisboa. A distribuição é a seguinte:

Hero .....	Strakosch
Leandro .....	Anselmi
Triopharne .....	Lappi
O Prologo .....	Marchesini

E' uma tragedia lyrica cujo libretto é de Arrigo Boito. A seguir a esta *O Do João*.

**D. Maria.** — Pensa esta gerencia em fazer reprise de algumas peças classicas do repertorio francez — o *assamento de Figaro*, de Beaumarchais, e as *Sabichonas*, de Moliere.

**D. Amelia.** — A seguir á engraçada comedia *O ouro eu*, cuja distribuição demos no ul-

mo numero, recomçam os ensaios da peça original do sr. Julio Dantas *Os crucificados*, entrando em seguida *Os matthias*, peça historica original do sr. Arthur Lobo d'Avila, e a *Sa-ho*, de Baudet, traducção do sr. Antonio Bandeira.

Ao mesmo tempo, para a *troupe* de Lucilia Simões ensaiar-se-hão a *Tosca*, de Victorien Sardou

Scarpia .....	Christiano de Sousa
Mario Cavaradossi .....	Luiz Pinto
Angelotti .....	Lagos
Shiarrone .....	Chaby Pinheiro
Colometti .....	Alfredo Santos
Um sacristão .....	Bayard
Cezco .....	Silva
Floria Tosca .....	Lucilia Simões
Luciana .....	Jesuna Saraiva

e *Monsieur Alphonse*, de Dumas:

Otavio .....	Luiz Pinto
Montaigni .....	Christiano de Sousa
Remy .....	Boyard
Dieudonné .....	Chaby Pinheiro
Madame Quichard .....	Lucinda Silveira
Raymunda .....	Lucilia Simões
Adriana .....	Jesuna Saraiva

**Trindade.** — A primeira representação da zarzuela *Amar sem conhecer*, cuja distribuição sahio no nosso ultimo numero, está marcada para 18 de fevereiro, e beneficio do actor Augusto.

**Gymnasio.** — Até o carnaval continuará o seu reportorio antigo.

**Avenida.** — E' esperada com anciedade a primeira do *Tiço Negro*, opereta portugueza de Lopes de Mendonça e musica de Augusto Machado, á qual o *Brasil-Portugal* terá enjeço de se referir em um dos proximos numeros.

**Rua dos Condes.** — Na ponta da unha, revista de Alfredo Mesquita e Camara Lima, continua agradando.

**Principe Real.** — Para breve a primeira do novo original de Maximiliano de Azevedo, *Petição*.

**Colyseu dos Recreios.** — Prepara para o carnaval festas de entrudo com fontes luminosas, jorros de agua e outras surpresas.

# VENDADO

**ESPECIALIDADES • FUMOS EM PAQUETINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS**

**LA UNION Y EL PERIX ESPAÑOL**

Capital social 5.000.000.000 rs.

15.000.000.000 RÉS

De dividendos pagos desde 1886 até 1895

**PREMIOS E BENEFÍCIOS 5.000.000.000 RÉS**

Seguros contra Incendio, obrigação de que se trata

**Agente: Atlantique & Union Marítima**

Companhia Brazuca contra os riscos marítimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

— **Directores** — *Alfonso Mayor & Filhos*

**Lisboa** — Rua do Príncipe, 100, 6.º

**HOTEL DURAND**

**English Hotel — Lisboa**

7, Rua das Flores — Largo do Quinteão

Este hotel, situado no ponto mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

**CESAR A. PAIVA**

CIRURGIÃO DENTISTA

DE

**SUAS MAJESTADES E ALTEZAS**

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

**GABINETE HYDROTHERAPICO**

do Dr. Maupeyrin Santos

Medicos Directores: *J. Maupeyrin Santos* e *J. Silvestre d'Almeida*

Instalação hydrotherapica completa; e duas salas de duchas para homens e senhoras, inteiramente separadas e independentes; gabinete mancego d'electricidade e massagem; massagem e gymnastica medica, dirigidas por C. de Sousa. Tratamento de doenças nervosas e do estomago.

Abrir das 8 ás 12 de manhã e das 3 ás 5 da tarde

ENTRADAS: CALÇADA DO DUQUE, 30 CALÇADA DA GLORIA, 16 Lisboa

**HERMINIOS**

**GRANDES ARMAZENS**

2882

Rua de St.º Antonio

Rua 58 da Dandada, 38

Estabelecimentos dentro do mesmo prédio. Casa montada sob a organização dos estabelecimentos cognatos do estrangeiro. Venda de todo o artigo independente.

**Companhia Geral de Credito Predial Portugues**

**LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 10**

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 a 50 annos. Empréstimos em comda corrente: a juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 1 a 3 annos. Depósitos: accionista — a prazo — em 4 ordens, vencendo 2 %, á ordem e 3 % ao prazo de 3 meses; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

**PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

**ESTEVAO NUNES E FILHOS**

Rua do Ouro, 56 a 60

**LISBOA**

**Trabalhos Typographicos em todos os generos**

**Especialidade em rotulos de pharmacia**





JOALHERIA, BIJOUTERIA, OURIVESARIA

**REIS & FILHOS**

O maior e melhor sortimento em

ARTE NOVA

**Relojoaria**

**Objectos de Arte**

**Pratas**

Rua de Santo Antonio, 239

**PORTO**

## COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



(Vista da Fabrica)

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes geraes — **Zerrenner Bülow & C.<sup>a</sup>** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO

Fabrica em Água Branca

Agentes: (em Santos = I. KIAUNIG.  
em Campinas = B. F. NEGRÃO.  
no Rio de Janeiro = F. W. KRAUSE, rua da Alfandega, 56

Escritorio — Rua Formosa, 1



*Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho*

FORNEDORES DA CASA REAL

**J. NUNES CORRÊA & C.<sup>a</sup>**

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166 — LISBOA

© Promptissimamente e com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para costureira de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.



FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS &amp; FILHOS

## FOSFIODOGLICINA

DE

## Lemos &amp; Filhos

Superior ao óleo de bacalhau,  
Superior ás emulsões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

## MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 36300 réis; caixa de 12 frascos, 64200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos &amp; Filhos, Porto

Telephone 309

31. PRAÇA DE CARLOS ALBERTO. 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS &amp; FILHOS



# Agencia Financial

DE

## PORTUGAL

R 12 General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA.

## Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

## Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitaes de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

## O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Exportadores para todos os Estados do Brasil

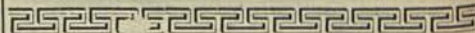
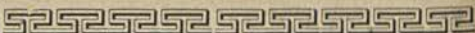
Officinas montadas em todas as manufacturas modernas

AGENCIA EM TODOS OS ESTADOS

TELEGRAMMAS PINTEIRO Caixa de Correio—494

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO



## VINHOS VELHOS

## LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

em Londres, 1862; Viena, 1865 e Gaceta 1867 e 1873

ANTIGA CASA

## PORTO João Eduardo dos Santos

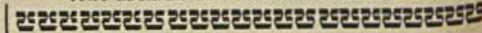
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMERCIO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR—Porto



## CANDIEIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gaz

Tubos de chumbo,  
borracha, lona, latão e ferro  
Louça de ferro esmaltado  
Retretes de varios systemas  
Objectos  
proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

24, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA





# PINTO ALVES & C.<sup>A</sup>

(Casa fundada em 1870)

## PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES

Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,  
Londres e Berlim

## ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.<sup>s</sup> de Almeida & C.<sup>a</sup>

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma senhora franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 79